REVISTA

IBEF®

INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS

ANO XVI - NÚMERO 86 - BIMESTRAL - 2020
www.ibefrio.org.br

Yuval Noah Harari, historiador e filósofo

Pedro Dutra: pandemia e concessão

Marília Cardoso: a sociedade pós-coronavírus

Marcos Assi: gestão de riscos em tempos de crise

Taiana Jung: tendências e estratégias para o líder em novo cenário

João Pedro Biazi: Contract Design, solução para imprevisibilidades

IBEF
Rio de Janeiro

Confiança é fundamental

Junto com seus parceiros do Grupo CorpServices a Branco Consultores oferece além de seus trabalhos de consultoria e contencioso tributário, as seguintes áreas de serviços:

- Contabilidade
- Diagnóstico de Procedimentos fiscais
- Supply Chain - Foco tributário
- Preços de Transferência
- Revisão, preparação e retificação de obrigações fiscais acessórias
- Due diligence fiscal
- BPO - Terceirização de Processos
- Inovação tecnológica - Contábil/fiscal
- Recuperação de créditos fiscais
- Treinamentos empresariais
- Mediação e arbitragem

Corp Services Group

QualityTax
EMPRESA DO GRUPO CORPSERVICES

BRANCO
EMPRESA DO GRUPO CORPSERVICES

brancoconsultores.com

- **Consultoria tributária**
- **Assessoria jurídica tributária**
- **Perícias contábeis**

RIO DE JANEIRO
Avenida das Américas, 3434
Bloco 4 - Salas 311 e 312
Condomínio Henrique Simonsen
Barra da Tijuca – Rio de Janeiro - RJ
CEP 22.640-102
Tel.: 21 3231-5900

SÃO PAULO
Rua Vergueiro, 2087 - Cj. 101
Vila Mariana - São Paulo
CEP 04.101-000
Tel.: 11 5087-8910
Fax: 11 5087-8810

Editorial

Resignação e paciência

Neste período de calamidade pública, face ao coronavírus, precisamos todos ter muita calma e resignação com as adversidades que estamos enfrentando.

Em breve essa tragédia terá passado e poderemos agir para melhorar muitas coisas em nossas vidas. Os aprendizados desse tempo, nos farão mais fortes, justos e melhores.

A **Revista IBEF** reverência todos os profissionais envolvidos no combate a esta pandemia e aqueles que seguem trabalhando em benefício do bem estar da população.

Que Deus proteja todos!

Tenham todos saúde e uma boa leitura!

Marcos Chouin Varejão - Junho 2020

Índice

EDITORIAL.....1
Marcos Varejão.

CAPA.....2
Yuval Noah Harari: lições para uma Pandemia.

OPINIÃO.....4
João Pedro Biazi - Contract Design: única solução viável para as imprevisibilidades do mercado .

OPINIÃO.....5
Pedro Dutra: Pandemia e concessão.

INTERNACIONAL.....6
Euler Hermes rebaixa a classificação de risco de 18 países e 126 setores.

OPINIÃO.....8
Luiz Carlos Mendonça de Barros: hora de preparar a saída da recessão.

NACIONAL.....10
XXVI Prêmio Brasil de Economia vai distribuir R$ 26 mil.

OPINIÃO.....11
Dane Avanzi - LGPD: será o governo o primeiro a descumprir a lei?

INTERNACIONAL.....12
Especialista no mercado imobiliário dos Estados Unidos aponta oito dicas que explicam os motivos pelos quais o setor não sofrerá a mesma crise de 2008.

OPINIÃO.....14
Andréa Ladislau: o resgate do afeto após a pandemia.

NACIONAL.....15
Há 3 anos metade das famílias gasta mais do que ganha.

OPINIÃO.....16
Marília Cardoso: a sociedade pós-coronavírus.

OPINIÃO.....18
Marina Luiza Amari: em tempos de pandemia, advogada recomenda negociação de contratos de aluguel de imóveis comerciais.

ECONOMIA.....20
Fábio Isaguirre: Ccomo monitorar a segurança dos dados em momento de pandemia.

DAY TRADE.....22
Coluna de informação.

CIDADANIA.....23
Rio Eu Amo Eu Cuido: 10 anos de história.

TURISMO.....24
Setores, como o turismo, não serão mais iguais ao que eram, diz Joaquim Levy.

ESTANTE.....26
Coluna sobre publicações editoriais.

OPINIÃO.....28
Paulo Akiyama: o momento da consciência e da mediação

OPINIÃO.....30
Marcos Yabuno Guglielmi - Coronavírus: planejamento é a palavra-chave para as empresas.

OPINIÃO.....31
Taiana Jung: Tendências e estratégias para o líder em um novo cenário.

OPINIÃO.....32
Isabel Marçal: saúde mental, o isolamento social não nos roubou a capacidade de sonhar e planejar.

INTERNACIONAL.....34
Estudo desvenda formação de estruturas complexas como as dos Coronavírus.

OPINIÃO.....36
Ângelo Ambrizzi: oito medidas para minimizar o impacto econômico do coronavírus na sua empresa.

JURISPRUDÊNCIA 1.....38
AGU garante no Supremo R$ 743 milhões para a indústria cinematográfica brasileira.

JURISPRUDÊNCIA 2.....39
Concessionária de ferrovia inicia pagamento de R$1,2 bilhão aos cofres públicos.

OPINIÃO.....40
Marcos Assi: gestão de riscos em tempos de crise.

Lições para uma Pandemia

"...enquanto a quarentena a curto prazo for fundamental para frear epidemias, o isolamento a longo prazo, levará ao colapso econômico sem oferecer proteção real contra doenças infecciosas. Examente o oposto. O verdadeiro antídoto para a epidemia não é a segregação, mas a cooperação"

Yuval Noah Harari

Sim, tudo vai mudar... já está mudando. Para Yuval Noah Harari, a mobilização global em torno da Covid-19 não terá implicações apenas na forma como organizamos nossos sistemas de saúde, mas também deve moldar a maneira como estruturamos a economia, a política e a cultura para o futuro — tudo isso com base em decisões rápidas e emergenciais, tomadas em meio àquela que (com sorte) será a maior crise vista pela nossa geração. "Ao escolher entre alternativas, devemos nos perguntar não apenas como superar a ameaça imediata, mas também que tipo de mundo habitaremos quando a tempestade passar. Sim, a tempestade passará, a humanidade sobreviverá, a maioria de nós ainda estará viva — mas habitaremos um mundo diferente", explica. A natureza de emergências como a do novo coronavírus, diz o autor, fazem com que processos históricos avancem muito rapidamente. "As decisões que em tempos normais podem levar anos de deliberação são aprovadas em questão de horas. Tecnologias imaturas e até perigosas são colocadas em serviço porque os riscos de não fazer nada são maiores. Países inteiros servem como cobaias em experimentos sociais em larga escala. O que acontece quando todos trabalham em casa e se comunicam apenas à distância? O que acontece quando escolas e universidades inteiras ficam online? Em tempos normais, governos, empresas e conselhos educacionais nunca concordariam em realizar tais experimentos. Mas esses não são tempos normais", conclui.

Vigilância sobre a pele' X "sob a pele" são bem diferentes. No auge da crise, Harari acredita que a humanidade será exposta a alguns dilemas éticos importantes. O primeiro seria escolher entre vigiar a população de forma totalitária - já que esta é a primeira vez na história da humanidade em que a tecnologia permite monitorar todos o tempo todo - ou empoderar o público com boa informação como forma de preservar vidas. Se o monitoramento de cidadãos por câmeras, drones e algoritmos que fazem parte do nosso dia a dia já parece coisa de ficção científica, o autor lembra que a pandemia poderia abrir um precedente perfeito para que governos monitorem a saúde de cada indivíduo (e sob a pele), controlando dados como pressão arterial, temperatura corporal e histórico médico, sob o pretexto de conter a disseminação dessa epidemia ou evitar situações semelhantes ao surto de covid-19 no futuro.

"Se as empresas e os governos começarem a coletar nossos dados biométricos em massa, eles podem nos conhecer muito melhor do que nós mesmos, e podem não apenas prever nossos gostos e sentimentos, mas também manipular o que sentimos para vender o que quiserem -- seja um produto ou um político." Aos entusiastas da vigilância biométrica como medida temporária tomada durante um estado de emergência, Harari lembra que medidas temporárias têm o hábito desagradável de superar as emergências: "Meu país natal, Israel, por exemplo, declarou estado de emergência durante a Guerra da Independência de 1948, que justificava uma série de medidas temporárias, desde censura à imprensa e confisco de terras a regulamentos especiais para fazer pudim (não estou brincando). A Guerra da Independência está vencida há muito tempo, mas Israel nunca declarou a emergência encerrada, e falhou em abolir muitas das medidas 'temporárias' de 1948 (o decreto de pudim de emergência foi misericordiosamente abolido em 2011)."

Privacidade é sinônimo de segurança. Para o autor, a crise do coronavírus pode ser o ponto de inflexão da batalha pelos nossos próprios dados, porque quando as pessoas precisam escolher entre privacidade e saúde, geralmente escolhem a saúde. A escolha mais acertada que os líderes políticos podem fazer nesse momento é a de munir os cidadãos de informações corretas, com embasamento científico, para que cada um cuide da própria saúde — como estamos fazendo até aqui. "O monitoramento centralizado e punições severas não são a única maneira de fazer as pessoas cumprirem diretrizes benéficas. Quando as pessoas são informadas dos fatos científicos e quando elas confiam nas autoridades públicas para lhes contar esses fatos, os cidadãos podem fazer a coisa certa mesmo sem um Big Brother vigiando seus ombros. Uma população motivada e bem informada é geralmente muito mais poderosa e eficaz do que uma população ignorada e policiada", explica Harari. "Considere, por exemplo, lavar as mãos com sabão. Este foi um dos maiores avanços de todos os tempos na higiene humana. Essa ação simples salva milhões de vidas todos os anos. Embora tomemos como gesto banal, foi apenas no século 19 que os cientistas descobriram a importância de lavar as mãos com sabão. Antes, mesmo médicos e enfermeiros passavam de uma operação cirúrgica para outra sem lavar as mãos. Hoje, bilhões de pessoas lavam as mãos diariamente — não porque têm medo da polícia, mas porque entendem os fatos. Lavo minhas mãos com sabão porque ouvi falar de vírus e bactérias, entendo que esses pequenos organismos causam doenças e sei que o sabão pode removê-las."

E se a autoridade não confia na ciência? Harari lembra em sua análise que, para atingir um nível global de conformidade e cooperação análogo ao hábito cotidiano de lavar as mãos, precisaremos confiar na ciência, nas autoridades públicas e na mídia. "Nos últimos anos, políticos irresponsáveis minaram deliberadamente a confiança na ciência, nas autoridades públicas e na mídia. Agora, esses mesmos políticos irresponsáveis podem ficar tentados a seguir o caminho do autoritarismo, argumentando que você simplesmente não pode confiar na mídia ou na ciência para fazer a coisa certa. Normalmente, a confiança que foi corroída por anos não pode ser reconstruída da noite para o dia -- mas estes não são tempos normais. Em um momento de crise, as mentes também podem mudar rapidamente. Você pode ter discussões amargas com seus irmãos por anos, mas quando ocorre uma emergência, você descobre subitamente um reservatório oculto de confiança e amizade e se apressa para ajudar ao outro. Em vez de construir um regime de vigilância, não é tarde demais para recuperar a confiança das pessoas na ciência, nas autoridades públicas e na mídia. Definitivamente, também devemos fazer uso de novas tecnologias, mas essas tecnologias devem capacitar os cidadãos. Sou totalmente a favor de monitorar a temperatura corporal e a pressão sanguínea, mas esses dados não devem ser usados para criar um governo todo-poderoso. Em vez disso, esses dados devem permitir que eu faça escolhas pessoais mais bem-informadas e também responsabilize o governo por suas decisões."

Precisamos de um plano global. Na visão do historiador, a epidemia de covid-19 é um grande teste global de cidadania. "Nos próximos dias, cada um de nós deve optar por confiar em dados científicos e especialistas em saúde em detrimento de teorias infundadas da conspiração e de políticos que servem a si mesmos. Se não conseguirmos fazer a escolha certa, poderemos manter nossas liberdades mais preciosas — essa é, possivelmente, a única maneira de proteger nossa saúde de verdade", afirma. Outro dilema ético decisivo para a humanidade, de acordo com ele, seria optar entre isolamento nacionalista e solidariedade global para superar os efeitos da pandemia em todos os setores sociais. "Um coronavírus na China e um coronavírus nos EUA não podem trocar dicas sobre como infectar humanos. Mas a China pode ensinar aos EUA muitas lições valiosas sobre o coronavírus e como lidar com isso. O que um médico italiano descobre em Milão no início da manhã pode muito bem salvar vidas em Teerã à noite. Quando o governo do Reino Unido hesita entre várias políticas, pode obter conselhos dos coreanos que já enfrentaram um dilema semelhante há um mês. Mas, para que isso aconteça, precisamos de um espírito de cooperação e confiança global", completa, e lembra que os países devem estar dispostos a compartilhar informações de maneira aberta e humilde, procurar aconselhamento uns dos outros e confiar nos dados e nas ideias que recebem para superar, com o menor estrago possível, uma crise dessa proporção - e desse ineditismo.

- Yuval Noah Harari é historiador, filósofo e autor dos best-sellers "Sapiens", "Homo Deus" e "21 lições para o século XXI".
- Fonte: Google, Jornal O Globo e Revista Time.

Contract Design: única solução viável para as imprevisibilidades do mercado

*João Pedro Biazi**

A crise promovida pela proliferação arrasadora do coronavírus promoveu um cenário sem precedentes para os agentes econômicos do nosso país. O poder público até tentou reagir, mas as respostas emergenciais, algumas vezes mais apoiadas na velocidade do que na ponderação, não impediram o forte abalo na previsibilidade das avenças.

No Executivo e no Legislativo, novas leis e medidas governamentais foram lançadas quase que diariamente, tornando-se praticamente impossível fazer negócios com um mínimo de previsibilidade. Já no âmbito do Judiciário, vimos um número expressivo de decisões judiciais que cuidavam dos mesmos institutos de direito, mas que eram diametralmente opostas nas suas fundamentações e consequências.

É claro que todos os esforços foram feitos com as melhores intenções. Afinal, o objetivo último de todos era encontrar uma maneira de manter firme a força dos negócios e permitir a continuidade da circulação econômica. Ocorre, entretanto, que essas tentativas falharam, fazendo com que os negócios, que foram pegos de surpresa por essa circunstância tão grave, sofressem com um ambiente de instabilidade e imprevisibilidade.

Este, entretanto, não precisa ser o destino das avenças comerciais do futuro. Isso porque nós já sabemos qual é a melhor defesa que o agente econômico tem contra as incertezas e imprevisibilidades que podem surgir. Esta defesa é um contrato bem feito.

Talvez esta seja uma das lições mais importantes que precisamos aprender com os acontecimentos deste ano: precisamos parar de usar modelos contratuais desatualizados, simplificados, desapegados das melhores práticas e distantes dos interesses das partes.

Contratos ruins necessariamente trazem mais questões delicadas a serem resolvidas pela interpretação das leis. Enquanto isso ocorrer, o destino das operações econômicas estará mais na mão de congressistas, juízes, escreventes e estagiários de direito – e menos na mão dos próprios empresários.

Contratos bons dão mais voz ao interesse efetivo das partes contratantes. Aumenta-se o grau de apego entre o documento que está sendo assinado e o que as partes efetivamente querem que aconteça. A elaboração das cláusulas segue metodologia própria e apegada àquela operação econômica.

Podemos chamar este trabalho de contract design: um esforço de elaboração contratual que visa a dar mais voz ao verdadeiro interesse das partes e diminuir a oportunidade de fatos supervenientes ou de terceiros interferirem de forma drástica nas avenças.

Há lições que precisam ser aprendidas. Os próximos meses ainda reservam grandes desafios para os agentes econômicos. É, sem dúvida, tempo de agremiar novos aliados. Também é o momento de abandonar hábitos que nos prejudicam. No âmbito econômico, chegou a hora de abandonarmos o uso massificado de contratos ruins, feitos sob a lógica do menor esforço, e dar mais atenção ao processo de elaboração contratual. Trata-se de mudança de postura que se impõe aos que querem seguir com seus negócios por terras mais sólidas.

**Graduado, Mestre e Doutorando em Direito Civil pela Universidade de São Paulo.*
Mestre em Direito Privado pela Universidade de Roma. Professor de Direito Civil. Advogado.

Pandemia e concessão

*Pedro Dutra**

FOTO: JOSH HILD - PEXELS

A pandemia é um o fato imprevisível e assim os seus efeitos. Estes, como não podem ser previamente dimensionados, não são considerados nos contratos. O mesmo ocorre nos contratos de concessão. A fim de que os serviços concedidos continuem a ser prestados, é necessário ser feito o reequilíbrio econômico-financeiro desses contratos.

O reequilíbrio econômico-financeiro, que compense as perdas imprevisíveis, não é ato de vontade de quem quer que seja: é cláusula contratual, deduzida de norma constitucional. A competência para promover a revisão contratual por lei é da Agência Reguladora do respectivo setor, exclusivamente. Mas, na realidade, tanto o Poder Concedente (ministérios) quanto o Tribunal de Contas da União, há muito intervêm nesse processo, opinando sobre qual deve ser o índice de reequilíbrio.

Essas manifestações, que concorrem com a função regulatória, expressam visões próprias que cada órgão interventor tem da função regulatória, da lei e do contrato. Essa situação revela o tormentoso cenário institucional brasileiro que hoje envolve a infraestrutura nacional, em especial o regime de concessão e a sua regulação.

Nesse contexto, maior o número de sugestões particulares pronunciadas por cada órgão envolvido, menos aderência à lei se tem e mais insegurança jurídica se estimula. Este é um fato previsível - que deveria ser evitado.

**Advogado.*

Euler Hermes rebaixa a classificação de risco de 18 países e 126 setores

Líder mundial em seguro de crédito, avalia o risco de uma recessão prolongada e onda de falências causadas pelo surto de Covid-19

Economistas da Euler Hermes, líder mundial em seguro de crédito e especialista em seguro garantia, divulgaram um novo documento analisando o risco país e setores da economia por conta da pandemia do Covid-19.

De acordo com a análise, com a interrupção de cadeias de suprimentos e operações comerciais em empresas de todo o mundo, a confiança das famílias e do mercado está sendo afetada, limitando severamente comércio internacional.

Segundo a Euler Hermes, o crescimento econômico global em 2020 registrará uma forte desaceleração, atingindo apenas +0,5% (+2,5% em 2019). Paralelamente, o comércio internacional contrairá este ano em -4,5%. Como resultado, o risco de não pagamento aumentará significativamente, por isso espera-se que as insolvências aumentem em +14% em 2020. Nesse cenário internacional fraco, vários países e setores serão duramente atingidos.

Riscos-país

Todos os trimestres, a Euler Hermes publica suas classificações de risco-país e risco setor para medir e acompanhar o desenvolvimento de risco de não pagamento sobre o contas a receber.

As inadimplências na Argentina e no Líbano nestes últimos meses confirmam a necessidade do modelo de risco-país para medir as vulnerabilidades que uma crise, como o surto de Covid-19, pode expor.

No primeiro trimestre de 2020, a Euler Hermes reduziu a classificação de 18 países: Equador, Tailândia, Indonésia, Índia, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Marrocos, Quênia, Gana, Maurício, República Tcheca, Polônia, Romênia, Irlanda, Eslováquia e Lituânia. Esta lista inclui economias desenvolvidas e em desenvolvimento.

Por exemplo, o Brasil está pagando caro nesta crise econômica e de saúde global, apesar das esperanças iniciais de que reformas dinâmicas acelerariam o crescimento. Da mesma forma, o Japão, que já era frágil no início de 2020 após vários choques no outono passado, agora vê suas fraquezas pioradas com a pandemia de Covid-19.

A Índia também está na lista: o país já estava enfrentando inúmeros desafios estruturais e cíclicos, e estes agora estão sendo amplificados pela situação atual.

"As consequências visíveis e potenciais da pandemia do Covid-19 estão integradas à nossa análise de risco-país. Ainda estamos prestando atenção à situação de outros países desenvolvidos, notadamente a França, Alemanha, Espanha e Estados Unidos. Esses países têm os meios necessários para proteger suas empresas, mas sua situação pode se tornar rapidamente mais complicada caso suas medidas de isolamento e o congelamento de suas economias dure mais tempo", alerta Ludovic Subran, economista-chefe de Euler Hermes.

Riscos por setor: rebaixamento recorde

Além disso, a Euler Hermes rebaixou 126 classificações de risco setor em diversos países, um novo nível histórico, nunca visto antes: o recorde anterior foi no primeiro trimestre de 2016, com um total de 70 setores com classificação de risco rebaixados.

É importante destacar que, em 60% dos casos, essas mudanças levaram o rating do setor a passar de "Risco moderado" a "alto risco". Esses dois sinais provam que a economia global e as empresas estão atravessando um período sem precedentes, extremamente complexo e incerto. O setor automotivo é o mais severamente impactado. A Euler Hermes o rebaixou em 26 países, seguido pelo setor de transporte (rebaixado em 21 países), eletrônicos (14) e varejo (12).

Produtos farmacêuticos, software e tecnologia da informação são os dois setores mais resilientes. A partir de uma perspectiva regional, a Europa Ocidental sofre o maior número de rebaixamentos de classificação do setor, com 52 casos. Esta região é seguida pela Ásia-Pacífico (29) e Europa Central e Oriental (24).

A Euler Hermes

Com forte presença mundial, a Euler Hermes auxilia as empresas nacionais e multinacionais a desbravarem novos mercados de forma segura e sustentável. A classificação da empresa de grau de investimento (AA S&P, A + AM Best) é aceita por corporações e bancos em todo o mundo, tornando a Euler Hermes uma referência confiável para seus beneficiários e parceiros financeiros.

DANNEMANN
SIEMSEN

DA PROPRIEDADE INTELECTUAL
À ARBITRAGEM
E LITÍGIOS ESTRATÉGICOS.
SOMOS DANNEMANN SIEMSEN

120 anos de assessoria a clientes nacionais e internacionais, nas principais demandas da advocacia cível e empresarial de excelência, atuando em diversas áreas do Direito e segmentos da indústria.
Além de líderes em Propriedade Intelectual na América Latina, somos referência em consultoria jurídica e litígios estratégicos. Com um time de mais de 240 profissionais, altamente capacitado, oferecemos soluções inovadoras e focadas em resultados, nas mais diversas especialidades, da Privacidade e Proteção de Dados a Arbitragem e Mediação, de Contratos Comerciais ao Direito Ambiental.

120 anos de reputação e excelência. Que venham mais 120.

Rio de Janeiro
55 21 2237 - 8700

São Paulo
55 11 2155 - 9500

Brasília
55 61 3433 - 6694

dannemann.com.br

Hora de preparar a saída da recessão

*Luiz Carlos Mendonça de Barros**

Presidente do Conselho de Administração da Foton. Já exerceu os cargos de presidente do BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, foi diretor do Banco Central do Brasil e ministro das Comunicações

A crise mundial em curso tem origem em uma pandemia que obriga os governos a implantar uma quarentena ampla para evitar o colapso do sistema de saúde e, de outro lado, uma recessão econômica profunda provocada pela obrigação de afastamento social. Esta combinação nunca aconteceu na economia globalizada moderna.

A China, acabou mostrando a todos a eficácia da quarentena como instrumento para controlar o número de pessoas atingidas pelo Covid-19. Os demais países acabaram por seguir este caminho na falta de alternativas conhecidas.

Mas se este caminho permitiu certo controle na evolução da crise da saúde pública, na economia trouxe uma interrupção quase total das atividades produtivas, criando ao mesmo tempo um choque negativo de oferta e de demanda em função do colapso da renda dos trabalhadores, empresas e governos.

Aqui, mais uma vez, os números econômicos já conhecidos da China servem como indicador da intensidade da queda da atividade econômica que se segue à quarentena social, bem como, mais à frente, vai mostrar a velocidade e a forma da recuperação que certamente virá. Vou fazer uma linha do tempo da crise até agora, bem como dos possíveis cenários para sua recuperação. Mas gostaria de deixar clara antecipadamente minha posição sobre o melhor comportamento para enfrentarmos os próximos meses, fruto de minha longa experiência como economista, membro de governos passados e empresário;

"Não entre em pânico, pois nem o mundo nem o capitalismo vão acabar agora, embora mudanças importantes deverão acontecer como resultado desta crise".

Embora, como disse acima, nunca ocorreu no mundo moderno uma crise econômica como esta que estamos vivendo, algumas características podem ser encontradas em momentos semelhantes no passado. Cito duas delas: a crise da Bolsa de Nova York em 1929 e a chamada crise do mercado imobiliário americano em 2008. A partir das lições de como se combater o pânico que toma conta dos agentes econômicos e – através deles – dos mercados financeiros e dos negócios, os governos construíram um protocolo de ações para lidar com os desajustes que ocorrem.

Este protocolo envolve intervenções drásticas dos bancos centrais, para lidar com o pânico financeiro nos mercados, e dos governos centrais para compensar, com recursos fiscais, a queda brutal da demanda privada por bens e serviços. Chama-se keynesianismo, uma forma conjunta de atuação das autoridades governamentais, criada a partir das análises e propostas do economista britânico John Maynard Keynes, com as quais as crises citadas acima foram enfrentadas com êxito.

Esta é a primeira vitória sobre a crise. Vivemos hoje com uma redução evidente do pânico financeiro dos últimos 60 dias no exterior e no Brasil (vejam o gráfico abaixo). E como, na minha opinião, ele não deve voltar a dominar os agentes econômicos, nossa insegurança, a partir de agora, deve-se apenas na forma – intensidade e tempo – de como a recuperação da atividade econômica vai ocorrer a partir do fim da quarentena.

Em relação a evolução da pandemia e do chamado isolamento social, fator que vai definir a intensidade da recessão que vamos viver nos próximos meses, gostaria de dizer o seguinte: Enquanto os mercados financeiros se perdiam no pânico inicial, o quadro da pandemia tomava contornos mais claros a partir das informações coletadas no campo da doença, principalmente na China. Estes dados, coletados e tratados com instrumentos estatísticos, passaram a mostrar um padrão na evolução da doença ao longo do tempo dando aos especialistas condições de fazer projeções, orientar os governos e diminuir o pânico do desconhecido que havia se instalado.

A partir da publicação diária na imprensa da situação em todo o mundo, foi ficando claro que o padrão ocorrido na China poderia ser replicado em todos os países. O que

“Se estiver certo na minha avaliação, a ação pronta dos Bancos Centrais conseguiu acomodar a primeira onda de pânico vinda do mercado financeiro.”

diferenciam as curvas até agora obtidas é, principalmente, a rapidez e a disciplina com que a quarentena foi implantada pelos governos nacionais. Mas mesmo os países que se atrasaram na implantação da separação social, apresentam um padrão para o controle da doença muito semelhante aos da China, da Coréia e outros países menores que já estão adiantados no controle do vírus entre seus cidadãos. O Brasil está ainda um pouco atrasado, muito embora a curva de evolução da doença mostre muito fortemente o mesmo padrão.

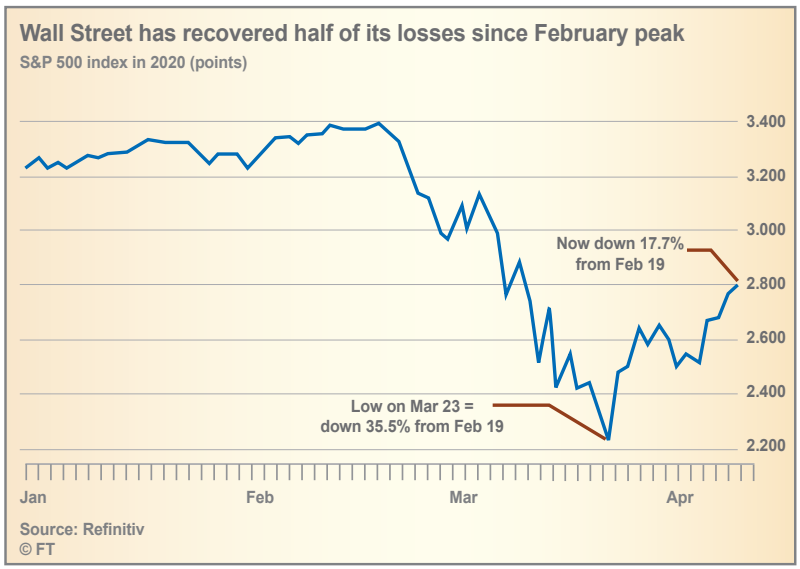
Se estiver certo na minha avaliação, a ação pronta dos Bancos Centrais conseguiu acomodar a primeira onda de pânico vinda do mercado financeiro. Nos últimos dias inclusive vem ocorrendo uma recuperação importante dos preços das ações em Wall Street – mais de 20% em relação ao piso de março – e uma postura mais racional no dia a dia das negociações. Mas permanece incerta como será a reação da economia real diante de um quadro de recessão com as características da crise atual: corte brusco da receita das empresas pela ausência de seus funcionários e a queda brutal da renda pessoal dos trabalhadores, criando um vácuo por dois ou três meses sem que ocorra uma destruição física da infraestrutura econômica dos países. Para responder esta questão vamos precisar de um tempo maior de observação. Mas como escrevi acima, sem pânico.

A Foton Caminhões, presente no Brasil desde 2010, é responsável pela produção, importação e distribuição dos caminhões da marca Foton no País. Além disso, responde pelo fornecimento das autopeças e por todos os serviços de pós-venda, incluindo as revisões e manutenções.

Na China, a Foton Motor Group, fundada em 1996, no distrito de Changping, Pequim, possui joint-ventures firmadas com companhias importantes, como a Cummins, ZF e a Daimler, sendo apontada como uma das maiores e mais valiosas companhias chinesas.

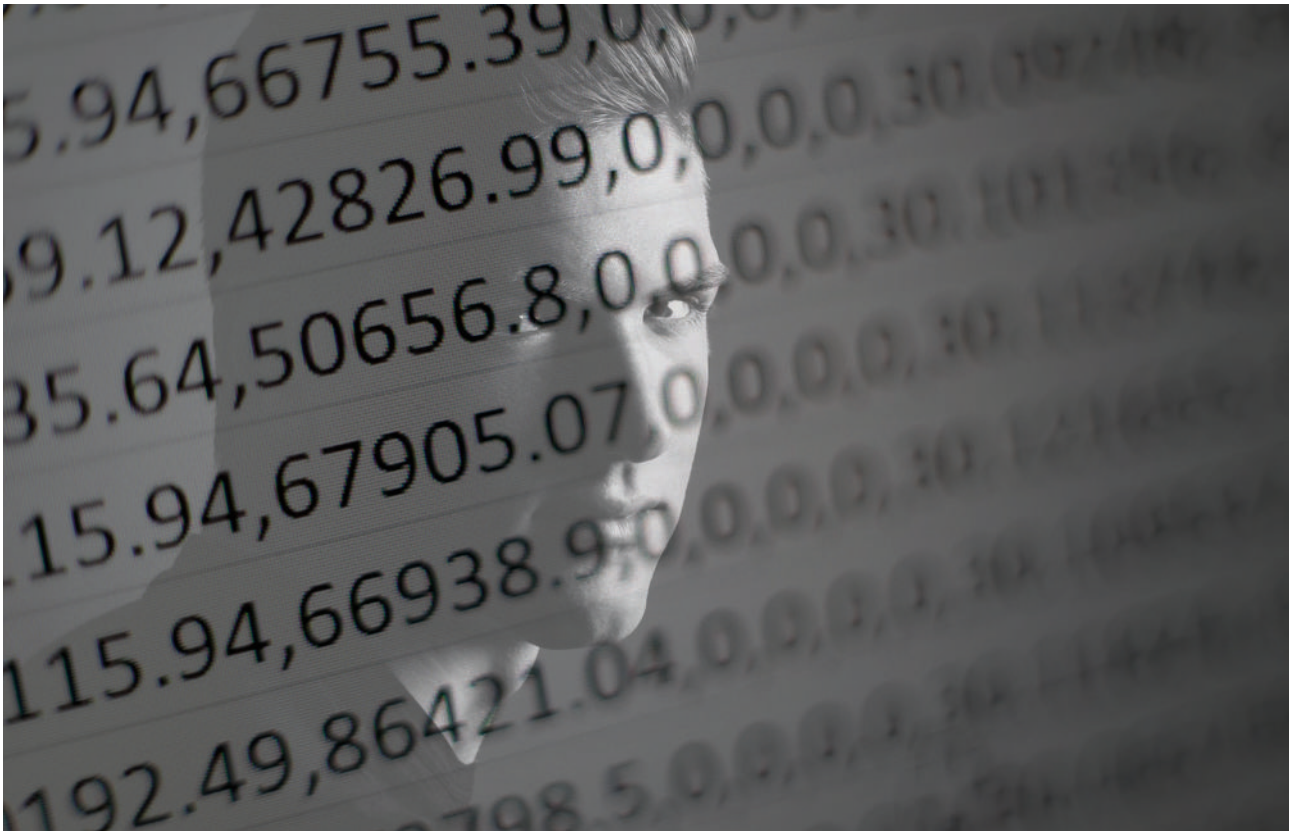
Atualmente a Foton vende cerca de 600 mil veículos por ano globalmente, 90% deste volume de veículos comerciais, com exportações para mais de 100 países e um volume que passa das 60 mil unidades. No mundo a empresa conta com 40 mil colaboradores, duas mil concessionárias e, no ano passado, o faturamento foi de US$ 7,5 bilhões. A filial brasileira é a quinta unidade industrial da Foton fora da China. A marca já conta com fábricas na Tailândia, Vietnã, Quênia e Argélia em construção.

Gráfico do índice de ações S&P da Bolsa de Nova York (Wall Street)



**Presidente do Conselho de Administração da Foton.*

XXVI Prêmio Brasil de Economia vai distribuir R$ 26 mil



Incentivar a investigação econômica em geral e estimular economistas e estudantes de Economia a desenvolverem pesquisas voltadas para o conhecimento da realidade brasileira é o grande objetivo do Prêmio Brasil de Economia. A iniciativa é promovida pelo Conselho Federal de Economia e está com inscrições abertas pelo site http://pbe.cofecon.org.br e **inscrições até o dia 08 de agosto de 2020.**

Ao todo, serão distribuídos R$ 26 mil (vinte e seis mil reais) em prêmios, nas seguintes categorias: Livro de Economia, Tese de Doutorado, Dissertação de Mestrado, Artigo Técnico ou Artigo Científico, e Monografia ou Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Econômicas.

Os temas dos trabalhos inscritos no XXVI Prêmio Brasil de Economia devem estar relacionados a Teoria Econômica, Pensamento Econômico Contemporâneo, Economia Brasileira, Economia do Setor Público, Economia Internacional, Economia Agrícola, Economia Socioambiental, Economia Regional e Urbana, Integração Econômica, Economia e Inovações Tecnológicas, temas interdisciplinares e outros relativos à Ciência Econômica.

Acesse o regulamento do XXVI Prêmio Brasil de Economia e confira as regras para inscrição de trabalhos acadêmicos http://cofecon.org.br/transparencia/files/normas/Res/2020/Res2020-2029.pdf

LGPD: será o governo o primeiro a descumprir a lei?

*Dane Avanzi**

De repente, você faz uma pesquisa de um determinado produto ou serviço na web e começa a receber e-mails e visualizar posts em suas redes sociais exatamente sobre o tema objeto da pesquisa. Coincidência? Infelizmente, não. Somos monitorados e observados por inúmeros softwares que nos rastreiam o tempo todo na web, coletando nossos comportamentos, interesses e tendências de consumo. Como impedir isso? A alternativa é um pouco radical, até para as pessoas não muito conectadas: deixar de usar incontáveis serviços digitais, cancelar contas nas redes sociais, não fazer nenhuma compra pela internet, entre outras ações.

Que Google, Facebook, Samsung, Apple, operadoras de telefonia móvel e outros gigantes da economia digital sabem de nossos passos segundo a segundo, há muitos anos, não é novidade para muita gente. Para impedir a violação em massa de direitos difusos e individuais dos cidadãos do mundo, bem como impedir que a liberdade seja ameaçada, na maioria dos países democráticos do mundo vigoram leis que objetivam salvaguardar o direito à privacidade das pessoas. Nos EUA e na Comunidade Europeia, por exemplo, as leis já estão em vigor. Aqui no Brasil, a Lei Federal n° 13.853, que dispõe sobre a Lei Geral de Proteção de Dados, tem data prevista para vigorar a partir de agosto deste ano, podendo ser prorrogada por conta do Covid-19.

Em razão da LGDP, ora em período de vacatio legis (aprovada, mas ainda não em vigor), pode o governo invadir a privacidade de seus cidadãos, a pretexto de conter a disseminação da pandemia do Covid-19? O assunto é polêmico. Se, por um lado, o estado de emergência e calamidade pública fragiliza a saúde, e, em razão da quarentena, por via oblíqua, a economia da União, Estados e Municípios, por outro, não houve consentimento dos usuários de serviços de localização para serem rastreados com vistas a colaborarem com o controle da disseminação da epidemia. A questão do consentimento expresso é um dos pilares da lei, que visa conter os recorrentes vazamentos de dados que podem causar diversos prejuízos às pessoas. Ressalte-se que estamos falando do bem mais valioso do ser humano, a liberdade. Talvez mais importante que o direito à vida, tema filosófico intimamente ligado à essência da Res Pública, em obras clássicas como Antígona. Vale a pena viver sem liberdade? Muitos pensam que não.

Nesse contexto, eis a pergunta que não quer calar: estariam os governos, secretarias estaduais de saúde, empresas terceirizadas envolvidas no combate à pandemia com algum tipo de gestão e plano de contingência para assegurar o correto armazenamento dessas informações? Tal assunto está intimamente ligado com outro dispositivo do artigo 5° da Carta Magna, que trata dos direitos individuais, o direito à igualdade. Que outras consequências relativas a outros tipos de rastreamento os cidadãos estarão sujeitos se o governo resolver estender essa medida a outras "pesquisas"? Penso que compete ao Estado democrático de direito e suas instituições terem suas atividades pautadas pela estrita legalidade, in casu, a aderência ampla e irrestrita à LGPD em qualquer que seja a circunstância. Com essas informações em mãos de terceiros além do governo, a chance de ocorrer tráfico de dados, discriminações e outros tipos de violações é grande. Por isso, é extremamente importante a questão do consentimento e que todas entidades públicas e privadas com acesso aos dados possuam sistemas de informação aderentes à LGPD.

Aldous Huxley, em seu livro Admirável mundo novo (1931), descreve uma sociedade hipotética na futura Londres de 2540, ou 632 DF (Depois de Ford), um dos pais da administração moderna. Na obra, a tecnologia manipularia a sociedade através de condicionamentos, padrões de comportamento, sendo a busca pela felicidade o grande cerne dos personagens do livro. Estaríamos vivendo uma prévia do que está por vir nessa obra clássica? Recentemente, tivemos o resultado de eleições democráticas comprovadamente manipuladas em muitos países do mundo devido ao uso da tecnologia aplicada a táticas de marketing nas redes sociais, principalmente.

Hoje, aproximadamente um terço da população do planeta está em quarentena. No entanto, muito pior que a restrição da liberdade física é a usurpação da liberdade de pensamento, que insidiosamente começa a ser eivada seja pela massificação de fake news, seja pela utilização indevida do Estado de ferramentas tecnológicas. No que diz respeito à coleta de dados de geolocalização de usuários, visando monitorar possíveis aglomerações, esperamos que o Governo do Estado de São Paulo demonstre, com transparência, que as empresas envolvidas nessa atividade obedecem às exigências da LGPD, cuidando para o melhor tratamento e armazenamento de informações.

**Advogado e diretor do Instituto Avanzi (www.itavanzi.org.br), organização sem fins lucrativos em defesa do direito do consumidor de telecomunicações.*

Especialista no mercado imobiliário dos Estados Unidos aponta oito dicas que explicam os motivos pelos quais o setor não sofrerá a mesma crise de 2008

Caso alguns compradores inicialmente adiem suas compras por medo, Pablo Farias explica que a maioria ainda desejará comprar e essa demanda reprimida pode se transformar em vendas e oportunidades

O corretor e especialista no assunto, Pablo Farias, que mora na Flórida há 15 anos e atua desde 2006 como empresários nos Estados Unidos, sendo mais de dez dedicados ao segmento de compra, locação e venda de imóveis nos Estados Unidos, reforça que em artigo recente publicado pelo USA Today, Gus Faucher, economista-chefe do Financial Services Group, afirmou que uma recessão não é inevitável. E se acontecer, é provável que seja breve e muito menos severo que a "Grande Recessão".

A crise financeira e a recessão de 2008 resultaram de anos de inseguranças econômicas profundamente enraizadas, o que não é o caso agora, porque trata-se de algo que é causado por algo externo à economia. "Existem diferenças importantes nesse mercado que podem significar coisas boas para o mercado imobiliário, apesar dos eventos recentes", destaca Pablo.

O especialista separou alguns principais indicadores. São eles:

1. O estoque de imóveis residenciais está baixo.

Um artigo da Forbes em dezembro de 2019 previu um nível historicamente baixo de estoque de moradias em 2020. Segundo as estatísticas da NAR, há um déficit crônico de 300.000 a 400.000 unidades habitacionais por ano.

Bryan Souza, um agente imobiliário de Fresno, Califórnia, que trabalhou durante a recessão de 2008, diz que há uma diferença fundamental entre esse mercado e o de hoje. Naquela época, havia 18 meses de suprimento … era um mercado comprador", disse Souza. Hoje, em nossa região metropolitana local e, na verdade, em todo o país, estamos analisando dois a três meses de inventário.

Mesmo quando os mercados mudam, a demanda do comprador permanece. Caso alguns compradores inicialmente adiem suas compras por medo, a maioria ainda desejará comprar e essa demanda reprimida, se transformará em vendas.

2. As taxas de hipoteca são baixas

As taxas de hipoteca estão abaixo de 4% há algum tempo e devem permanecer assim. Essas baixas taxas incentivarão mais pessoas a comprar, mesmo que sejam dissuadidas pelos medos iniciais causados pelo vírus.

3. Os empréstimos subprime caíram

Uma hipoteca subprime é um tipo de empréstimo residencial concedido a pessoas com baixa pontuação de crédito (geralmente abaixo de 600) que não se qualificariam para hipotecas convencionais. Eles geralmente vêm com taxas de juros e adiantamentos muito mais altos do que as opções convencionais.

A crise de 2008 foi iniciada quando bancos e outros credores aprovaram hipotecas para compradores não qualificados, elevando os preços das casas para níveis muito altos. Quando os preços das casas começaram a cair, milhões de americanos pararam de fazer pagamentos de hipotecas e perderam suas casas, e os bancos foram empurrados para a beira da falência. Naquela época, a dívida das famílias subiu para um recorde de 134% do produto interno bruto. Hoje, esse índice é de 96% do PIB, algo historicamente baixo e as famílias estão economizando cerca de 8% de sua renda, em comparação com apenas 3% em 2008.

De acordo com dados do Federal Reserve Bank de Nova York e do Equifax Consumer Credit Panel, do terceiro

“Mais do que nunca, as pessoas entendem o valor de ter um teto sobre suas cabeças. Em tempos de incerteza, a casa própria é uma segurança pela qual as pessoas se orgulham e trabalham.”

trimestre de 2001 até o final de 2008, uma média de 20% de todas as hipotecas originadas foi para pessoas com pontuação de crédito subprime (inferior a 600). No terceiro trimestre de 2018, os mutuários do subprime receberam apenas 9% de todas as hipotecas.

Tudo isso significa que mais americanos estão melhor equipados para lidar com uma interrupção econômica temporária que não afetará significativamente sua capacidade de comprar casas ou se apegar com as casas atuais.

4. Os proprietários de hoje têm mais patrimônio líquido em suas casas

De acordo com um relatório do Federal Reserve chamado Flow of Funds, os americanos possuíam US $ 18,7 trilhões em suas casas, dando a eles uma participação acionária de 64%. Em comparação, esse número foi de apenas 52,7% no primeiro trimestre de 2007. Isso significa que a maioria dos proprietários não terá problemas em manter suas casas durante esses períodos de incerteza.

5. O governo está oferecendo uma moratória sobre execuções de hipoteca por 60 dias – que provavelmente será estendida por até 12 meses.

O Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano anunciou que todos os proprietários de casas unifamiliares com hipotecas, apoiadas pela Administração Federal de Habitação, estariam protegidos de execução de hipoteca ou despejo até meados de maio.

A Agência Federal de Financiamento da Habitação ordenou que suspendessem todas as execuções hipotecárias por “pelo menos 60 dias”. O FHFA também ofereceu indenização a proprietários afetados pelo COVID-19, o que lhes permitiu suspender o pagamento da hipoteca por até 12 meses. Essas medidas devem incutir confiança nos vendedores domésticos, e dar a eles a oportunidade de vender suas casas durante a extensão.

6. Preços internos apreciados durante recessões anteriores

Nem toda recessão sinaliza uma quebra no mercado imobiliário. De fato, os preços das casas subiram em três das últimas cinco recessões (1980, 1981, 2001) e permaneceram praticamente inalterados em uma (caíram 1,9% na recessão de 1991). Eles só apresentaram uma queda significativa em 2008. Segundo Zillow, a valorização anual em todos os estados desde 1997 foi em média 4,6% durante períodos de crescimento econômico e 4% durante recessões. As condições atuais do mercado são muito mais parecidas com as de 2001, após o 11 de setembro.

7. As pessoas sempre vão precisar de um lugar para morar

Mais do que nunca, as pessoas entendem o valor de ter um teto sobre suas cabeças. Em tempos de incerteza, a casa própria é uma segurança pela qual as pessoas se orgulham e trabalham. O setor imobiliário é acima de tudo uma indústria humana, e os seres humanos almejam a estabilidade da casa própria.

8. Ninguém sabe quanto tempo isso vai durar

O medo está no auge. Há tanta incerteza sobre como esse vírus afetará as pessoas nos Estados Unidos que todos preferem assumir o pior. Se uma cura viável for encontrada nas próximas semanas e for lançada, essa pandemia poderá ser um problema muito mais curto do que o inicialmente previsto. Agora, não é hora de entrar em pânico e parar de fazer o que funciona não faz sentido.

• Pablo Farias é brasileiro, naturalizado americano e atua como corretor de imóveis no Estado da Flórida. Ele é especializado em Central Flórida, sobretudo na região chamada grande Orlando. Seu trabalho tem conquistado grande destaque em qualidade do atendimento que se traduz em volume de vendas, principalmente nas cidades de Winter Garden, Windermere, Orlando, Celebration, Clermont, Davenport e Kissimmee, apesar de realizar outras vendas nas mais diversas cidades do Estado. Mora com sua a família nos Estados Unidos desde 2006, optando por investir no país, por tudo que representa e pelas oportunidades que oferece nos mais variados segmentos.

O resgate do afeto após a pandemia

*Andréa Ladislau**

Muitas evidências sinalizam que o mundo e o homem não serão os mesmos após o Covid 19. O vírus virou o epicentro e nos igualou. Dentro do caos, constatamos o que sempre soubemos, mas não valorizávamos, ate sermos apresentados a ele: somos seres finitos e pequenos. Limitados na auto suficiência.

FOTO: PEDRO COSTA

A pandemia potencializou nossas fragilidades e reforçou a dependência do outro. Hoje, vivendo em isolamento, estamos saudosos dos abraços, dos beijos do carinho e da aproximação calorosa que sempre foi nossa marca, enquanto seres sociáveis. Somos afetuosos e criados para a conexão. Estamos reaprendendo, forçadamente, a nos conectar com o mundo pelas redes. Buscando a proximidade virtual com os que amamos através das telas. Sim, é um teste à nossa intimidade, trazendo profunda alteração das relações humanas. Gestos tão familiares, como um aperto de mão ou um beijo no rosto, tornaram-se obsoletos e hoje são condenados por serem potenciais condutores do tão temido vírus.

O Corona criou novos modelos de cumprimento: toques de cotovelo e acenos de longe. Fabricou personagens paramentados para uma guerra, com máscaras, luvas e armados de potes de álcool em gel. Aliás, este item tornou-se protagonista da prevenção e do cuidado, assim como a lavagem das mãos que deve durar o tempo de dois "parabéns à você " inteiros. Marcas profundas deixadas nas pessoas em todo o mundo. No Irã, por exemplo, o lema atual é: " Não aperto sua mão porque te amo".

E quando tudo isso passar, teremos uma vida sem toque? Se entendermos que o homem é um ser que, por sua racionalidade, sabe explorar a necessidade das adaptações, podemos nos deparar com um amanhã onde a distância seja normal e aceitável. Historicamente, as próximas gerações poderão estar tão habituadas às novas modalidades de afeto que, podem levantar dúvidas de que um dia, ao nos encontrarmos, os cumprimentos eram recheados por beijo no rosto, abraços ou apertos de mão, que simbolizavam nossa satisfação ao ver um amigo no shopping.

A sensação de perda do mundo, de uma forma inédita e forçada, nos obriga a repensar valores primários, diálogos, união e intimidade. Nosso modo de estar no mundo não é mais o mesmo. O medo de tudo e do externo, do que vem de fora, cria a couraça da proteção e demarca fronteiras nos laços sociais.

Olhando o cenário, temos um narcisismo abalado, onde deixamos de ser o centro do mundo. Somos incentivados a colocar em prática a humildade para reconhecer que podemos falhar. Aceitar que não somos fortes o tempo todo e nem super heróis invencíveis. E tudo bem por isso.

Não tenho idéia como o mundo será após a pandemia. Ninguém tem. Mas fortes indícios levam a crer que o toque não será o mesmo. A relação interpessoal não será a mesma. O diálogo com a natureza também será modificado. A valorização em geral, certamente, sofrerá mudanças profundas, pois os pequenos detalhes passarão a ser mais perceptíveis. Poderemos valorizar mais o que antes não tinha importância.

Enfim, apesar de amarmos a proximidade e o contato humano, a pandemia veio para mostrar que alguns resgates estão sendo feitos e, de forma necessária, tirando o homem de sua zona de conforto. Resta saber se quando tudo isso passar, saíremos mais humanos do que quando tudo começou. Ao experimentarmos a sensação, mesmo que inconsciente, da finitude e da perda do mundo, somos levados a rever nosso papel no universo. E é essa reflexão que irá nortear nossos próximos passos e fortalecer hábitos e mudanças que poderão ser corriqueiras e normais às gerações futuras. Gerações que encontrarão nos livros de história o Covid 19 como epicentro do marco das transformações de toda uma humanidade.

**Psicanalista.*

Há 3 anos metade das famílias gasta mais do que ganha

O Estado de São Paulo foi o que melhor conseguiu equilibrar o orçamento no ano passado, aponta balanço da Kantar

A Kantar, líder global em dados, insights e consultoria faz um balanço de como o mercado brasileiro consumiu em 2019. O levantamento Holistic View e o estudo Consumer Insights concluíram que metade das famílias terminou o ano endividadas. Desde 2016, aproximadamente 50% dos lares está no vermelho e gasta mais do que ganha. Isso reflete em queda na renda real, o que torna o consumo mais racional. Houve também um movimento de migração de classe social. Entre 2014 e 2019, mais de 500 mil lares saíram da classe AB.

Neste cenário, a classe alta é a que mais perde poder real de compra e, apenas a classe DE, ganha. De 2018 para 2019, a classe AB1 teve sua renda média domiciliar reduzida em 8%, a B2 em 12% e a C1 e C2 em 4%. Já a DE teve aumento de 5%. A classe que fica na base da pirâmide social é também a única que aumentou sua renda de maneira formal (2 p.p.). No mesmo período, reduziu ainda em 3 p.p. a renda vinda do governo, enquanto todas as outras classes tiveram este índice acrescido.

A necessidade de equilibrar os gastos faz com que as marcas Econonomy sejam as grandes aliadas para recuperação no consumo do país. Contudo, o destaque para marcas mais baratas não as tornam exclusivas no momento da decisão final, uma vez que em 29% das ocasiões de compra, optam por levar marcas mainstream; em 16% dessas ocasiões, marcas premium e mainstream convivem e em 27% mixam os três tipos.

Independentemente da classe social ou valor da renda, a divisão das faturas das famílias se mantém equiparada na última década, apenas com leves variações: em 2019, 28% do orçamento foi para compra de bens de consumo massivo (FMCG); 34% para despesas fixas e 38% para outras despesas. "Nesta última categoria, gastos com comunicação (conta e créditos de celular), serviços financeiros (pagamento de empréstimos) e serviços pessoais (procedimentos estéticos), nesta ordem, foram os que mais avançaram", analisa Giovanna Fischer, Diretora de Marketing e Insights da Kantar.

No longo prazo, comparação entre o ano passado e o anterior, os valores despendidos com a cesta FMCG cresceram 3,8%, mas isso não significa que os brasileiros compraram mais. Em média, o ticket gasto em compras aumentou 2,4%, enquanto o volume de unidades levadas para casa diminuiu também em 2,4%. Os últimos dois anos da cesta FMCG também foram marcados pela redução de volume por ocasião e frequência com que os compradores acessam os canais, fazendo com que a recuperação do consumo, desde o pico de 2015, seja por via de embalagens menores e unitárias.

Entre os canais, os atacarejos mantêm a popularidade e assumem a liderança de prioridade e crescimento, ao lado das farmácias. Em meio a popularidade, apenas em 2019 o canal conquistou mais de um 1,5 milhões de lares e alavancou as compras de FMCG nos últimos 4 anos, com índice de preço cerca de 10% abaixo da média dos canais.

Quando analisadas as cestas, a de perecíveis se destaca com ganho de 3,1% em volume e mesmo após ter sido a cesta mais impactada no período pós crise, apresenta recuperação tanto dentro como fora do lar. Na sequência, as categorias de beleza e limpeza também fecharam o ano no positivo com expansão em volume de 2,1% e 1%, respectivamente.

Entre as divisões do País, o Estado de São Paulo é o único que conseguiu equilibrar o orçamento em 2019. Na contramão, todas as outras regiões viram o endividamento aumentar, principalmente a Grande Rio de Janeiro com este índice saltando para 14,1% vs 13,9% em 2018.

A Kantar é líder global em dados, insights e consultoria. Atuamos em mais de 90 mercados e somos a empresa que mais entende como as pessoas pensam, sentem, compram, compartilham, escolhem e veem. Ao combinar nossa experiência sobre o conhecimento humano com tecnologias avançadas, ajudamos nossos clientes a entender as pessoas e inspirar crescimento.

A sociedade pós-coronavírus

*Marília Cardoso**

Se você é do tipo que está ansioso pelo fim da quarentena para retomar sua vida exatamente do ponto que ela parou, sinto em lhe informar: você está iludido. Mesmo que esse período acabe o mais rápido possível, não haverá volta ao normal. Nada será como antes. Teremos que construir um novo normal, uma nova sociedade. Nesse exato momento, estamos vivendo uma mistura do que não é mais com o que não existe ainda. Uma fase marcada por transição e incertezas.

Em 1999, quando o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, falecido em 2017, lançou o livro Modernidade Líquida, não se podia imaginar um vírus capaz de paralisar nações. Ainda assim, naquela época, ele já havia notado que o século XXI não seria mais como o século XX. Segundo ele, antes, os valores se transformavam em ritmo lento e previsível. Tínhamos algumas certezas e a sensação de controle sobre o mundo – sobre a natureza, a tecnologia, a economia. Mas, acontecimentos da segunda metade do século XX, como a instabilidade econômica mundial, o surgimento de novas tecnologias e a globalização, criaram um mundo líquido, no qual as coisas são tão rápidas e efêmeras que não há tempo suficiente para se solidificar.

Nessa passagem do mundo sólido para o líquido, Bauman chama atenção para a liquefação das formas sociais: o trabalho, a família, o engajamento político, o amor, a amizade e, por fim, a própria identidade. Essa situação produz angústia, ansiedade constante e o medo líquido: temor do desemprego, da violência, de ficar para trás, e principalmente de não se encaixar mais nesse novo mundo que muda num ritmo cada vez mais veloz. A pandemia do novo coronoavírus só intensificou e deve continuar intensificando esse processo de liquidez.

O isolamento social imposto pelo governo aos cidadãos - até então livres - desperta uma série de reflexões. Se antes, boa parte do nosso tempo era gasto indo e voltando do trabalho, hoje estamos dentro de casa, com um tempo extra que simplesmente muitos desconheciam. Se a semana era dividida entre cinco dias de trabalho e dois de lazer, hoje há e-mails importantes chegando aos domingos à noite. Ou seja, os padrões industriais que nos foram ensinados começam a perder sentido. Estamos sendo obrigados a conviver mais com a família do que com os colegas de trabalho ou faculdade. Somos obrigados a cozinhar em casa, em vez de irmos a restaurantes. Somos estimulados a buscar alternativas

de entretenimento e atividade física sem sair das nossas salas. Por mais que, nesse momento, a maioria sinta que assim que o isolamento for suspenso voltaremos para as ruas a fim de tirar o atraso, pode ser que não seja bem assim. Pelo menos, não para todo mundo. E, pode até ser que isso aconteça, mas por um curto período de tempo. A maioria irá analisar sobre a real necessidade de atravessar cidades diariamente sendo que é possível entregar a mesma – ou até mais – qualidade e produtividade no trabalho estando dentro de sua própria casa. Embora pareça uma reflexão nova, em 1980, Alvin Toffler, um dos maiores futuristas que o mundo já viu, falecido em 2016, apresentou o conceito de "cabanas eletrônicas" em seu livro A Terceira Onda. Nele, Toffler defende que colaboradores de "colarinho branco", que não precisam colocar "a mão na massa" nas indústrias, não precisam se locomover diariamente para os grandes centros. Ele calcula - com as tecnologias disponíveis naquela época - a vantagem do investimento em telecomunicação em detrimento do gasto com transporte. Ressalta ainda os benefícios na redução do trânsito, acidentes, infraestrutura e principalmente no meio ambiente.

No fundo, não há nenhuma novidade nisso. Na era agrícola, chamada por Toffler de primeira onda, as famílias moravam e trabalhavam todas juntas, cultivando alimentos

“O que a pandemia de coronavírus está fazendo, a meu ver, é acelerar esse processo de transformação digital e de curva de adoção de tecnologias exponenciais para o bem comum.”

para consumo próprio nas suas pequenas propriedades. Com o advento da revolução industrial, que ele chama de segunda onda, as famílias que antes eram compostas por avós, tios e outros agregados passam a ser compostas apenas por pais e filhos, que dividem pequenos espaços em grandes centros, onde eram localizadas as fábricas. Na era digital, ou terceira onda, a tecnologia permite que nossas casas sejam muito mais bem equipadas que as próprias fábricas do início do século XX, que muitas vezes não tinham nem energia elétrica.

Outro conceito amplamente difundido no livro é o de prossumidor. Segundo o futurista, as pessoas da era digital buscam a constante desmassificação, querendo ser únicas, autênticas. Para isso, preferem elas mesmas construírem seus próprios produtos. Em vezes de serem meros consumidores passivos do que as grandes fábricas produzem, elas fundem o conceito de produtor com o de consumidor, tornando-se prossumidores. Elas adotam o estilo “faça você mesmo” e conquistam a customização até então inimaginável. Com a popularização do YouTube, em que é possível aprender a fazer praticamente qualquer coisa, esse comportamento tem se acentuado cada vez mais.

O que Toffler e Bauman não tiverem tempo de abordar em suas obras é o impacto que tecnologias como Blockchain e impressoras 3D podem representar à chamada sociedade 5.0. Esse conceito, cunhado pelo governo japonês em 2016, no lançamento do 5º Plano Básico de Ciência e Tecnologia, aponta para o desenvolvimento de soluções tecnológicas cujo foco é o bem-estar do ser humano, a qualidade de vida e a resolução de problemas sociais. Trata-se de um modelo de organização social, em que tecnologias como Big Data, Inteligências Artificial e Internet das Coisas são usadas para criar melhorias para a vida em sociedade.

O que a pandemia de coronavírus está fazendo, a meu ver, é acelerar esse processo de transformação digital e de curva de adoção de tecnologias exponenciais para o bem comum. No caso do Blockchain, por exemplo, estamos falando da possibilidade de uma sociedade auto-gerenciável, sem a necessidade de governos ou órgãos reguladores. Uma sociedade totalmente desmassificada e distribuída, em vez de aglomerada em centros urbanos. Honestamente, não sei se estamos socialmente preparados para tamanha mudança, mas a situação favorece reflexões desse tipo.

No caso das impressoras 3D, a realidade parece muito mais próxima. Se as pessoas querem produzir elas mesmas, a impressão 3D e 4D faz com que qualquer um se torne uma mini fábrica. O impacto na estratégia e logística de mercado como conhecemos hoje é total. Indústrias deixarão de fazer produtos manufaturados para nos entregar pequenas quantidades de matéria-prima para que nós mesmos, dentro de nossas cabanas eletrônicas hiperconectadas, possamos criar objetos únicos, exclusivos e que atendam perfeitamente às nossas expectativas e não às necessidades das massas.

Em suma, ainda é cedo para saber os reais impactos da pandemia no curto, médio e longo prazo. Mas, o fato é que muitas coisas irão mudar daqui para a frente. Muitos modelos de negócios devem deixar de existir para dar lugar a novos. Muitos pais vão rever seus papéis na educação dos filhos. Muitas escolas irão procurar alternativas para preparar os profissionais para o futuro - e não mais para o passado, como a maioria vinha fazendo. De fato, uma nova sociedade irá nascer a partir de 2020. Torço para que seja muito melhor.

A PALAS é uma consultoria de inovação e gestão pioneira na implementação da ISO 56002. Nossa equipe participou ativamente do processo de formatação dessa norma e conquistou a primeira certificação da América Latina. Somos também a primeira consultoria certificada no Brasil. Oferecemos treinamentos, consultorias e implementação de normas ISO com o propósito de preparar as empresas para o futuro.

Sócia-fundadora da PALAS, consultoria pioneira na implementação da ISO 56.002, de gestão da inovação.

Em tempos de pandemia, advogada recomenda negociação de contratos de aluguel de imóveis comerciais

*Marina Luiza Amari**

Marina Luiza Amari destaca que são essenciais a razoabilidade e a boa-fé de ambas as partes, pois se trata de situação custosa tanto para locador quanto para o locatário

Com a paralisação temporária de serviços e atividades não essenciais no Paraná, decretada pelo governo do Estado, como medida para reduzir o contágio do novo coronavírus, cresce a preocupação em relação ao pagamento de aluguel de imóveis comerciais.

De acordo com a advogada Marina Luiza Amari, mestranda em Direito das Relações Sociais pela UFPR, se houver dificuldade de pagamento, os locatários devem contatar os locadores a fim de negociar a melhor forma de realizá-lo. "A solução dependerá de cada negócio, do valor do aluguel já praticado, do tempo de locação e do histórico contratual", observa.

Marina Amari pondera que a geração de capital nesse período será decrescente e quase nula, sem que haja, além da oferta, pessoas com capacidade financeira para o consumo. Como medida de contenção das demissões em massa, o governo federal aprovou a Medida Provisória 936, que permite a diminuição proporcional da jornada de trabalho e dos salários, bem como a suspensão temporária do contrato de trabalho.

Segundo ela, não existe normatização a respeito de suspensão de valores e obrigações contratuais até o momento, mas aponta que está tramitando o Projeto de Lei 1.179/2020, versando sobre o regime emergencial e transitório das relações privadas no período da pandemia. Esse projeto intenta, por exemplo, que seja impossibilitada a concessão de liminares para despejo na maioria dos casos previstos pela lei, no período correspondente entre 20 de março e 30 de outubro de 2020.

Para a advogada, são essenciais a razoabilidade e a boa-fé de ambas as partes, pois se trata de situação custosa tanto para locador quanto para o locatário. "A crise afeta as duas pontas da relação locatícia. Assim como o locador esperava receber o aluguel, o locatário contava com as vendas ordinárias para honrar sua obrigação", pondera Marina Amari, salientando que, desse modo, podem ser discutidas diversas maneiras de ajustar o acordado.

Ela exemplifica que no exercício concernente a março houve, durante cerca de 20 dias, atividade regular do comércio, já que as normas foram editadas em sua maioria nos dias 18 a 20 daquele mês. "Desse modo, a depender do comprovado impacto gerado pelos 10 dias restantes e desde que de boa-fé, pode-se pleitear o pagamento proporcional, ou com desconto, do valor do aluguel".

Para os meses subsequentes, a depender do negócio, a advogada sugere pensar na possibilidade de suspender o pagamento com adiamento do vencimento, com eventual compensação em momento posterior; ou conferir descontos sobre o aluguel mensal e demais custos pelo tempo que perdurar a situação emergencial.

A advogada observa que a situação é excepcional e temporária, sem previsão de data para seu fim, sendo mais prudente a tratativa gradual da renegociação do aluguel, evitando-se projeções em longo prazo que possam distorcer realidades futuras. Marina Amari alerta que não há meios atuais de projetar o tamanho do impacto a ser suportado pelas partes, pois sequer existe conhecimento de quando o comércio retornará: pode se dar amanhã ou em um ou dois meses.

"Portanto, deve-se buscar, gradativamente, pactuações que não comprometam a saúde financeira do contrato, evitando-se, assim, que haja desproporção unilateral. Em meio à crise, todos sairão prejudicados. Deve-se tentar minorar o quanto. Há um desconhecimento do que ocorrerá, mas uma esperança de que o mercado se estabilize".

PONTO DE VISTA LEGAL

Marina Amari esclarece que a legislação traz a figura da revisão contratual como remédio a amparar situações nas quais há uma desconformidade entre o que foi pactuado consensualmente e a realidade do contrato em um momento posterior. "O desequilíbrio econômico-financeiro do contrato é um fato social, um problema das relações econômicas que deve ser encarado pelo Direito", frisa.

"...é extremamente difícil e perigoso padronizar soluções para diferentes atividades econômicas..."

À luz das normas do Código Civil, por uma interpretação conjunta dos dispositivos que tratam do tema, percebe-se que a revisão judicial do contrato é autorizada quando algum evento imprevisível surge, e desde que haja desproporção nas obrigações sentidas por alguma das partes. Dentro do regramento protetivo da Lei de Locações, há a previsão, para situações ordinárias, da ação revisional de aluguel. Essa demanda visa a compatibilizar o valor do aluguel ao valor de mercado, após o transcurso de três anos de contrato ou do acordo realizado entre as partes.

Como estamos diante de uma situação excepcional e urgente, e considerando que nem todas as relações locatícias contam com o período de três anos de contrato, a advogada recomenda a tentativa de renegociação extrajudicial do aluguel, conforme autorizado pelo art. 18 da Lei do Inquilinato e pelas normas gerais de revisão dos contratos inscritas no Código Civil.

A advogada ressalta que a rigor, a variação cambial, a inflação e a desvalorização do padrão monetário são acontecimentos considerados previsíveis quando da celebração de contratos empresariais, não sendo causa de revisão contratual por si só, conforme entendimento consolidado no Brasil e destacado pelo Projeto de Lei 1.179/2020. O que ocorre é que a pandemia de COVID-19 tomou dimensões inimagináveis com o fechamento das atividades mercantis, abrindo margem para que se discuta a imprevisibilidade desse acontecimento. Como bem quis enfatizar a Lei de Liberdade Econômica, a revisão contratual é medida excepcional, devendo ser discutida com as cautelas que o tema requer.

SITUAÇÃO DE SHOPPING CENTERS

A advogada relata que a Associação Brasileira de Shopping Centers – Abrasce propõe algumas soluções para o enfrentamento da situação, a fim de que se evite judicialização futura desses contratos. Entre as sugestões estão a suspensão do aluguel pelo período em que as lojas permanecerem fechadas, mantendo-se, contudo, a exigibilidade para discussão em momento posterior, e a não cobrança ou a diminuição das despesas de fundo de promoção e do condomínio.

Marina Amari enfatiza que essas medidas não implicam a renúncia do direito do locador e do locatário, configurando-se, apenas, como medidas emergenciais para a solução temporária da crise enfrentada pelo setor de shopping center. "Ainda assim, não têm força obrigatória, de modo que devem ser tomadas como guias de orientação de como proceder", avisa. Normalmente, o valor da locação das lojas nesse sistema é calculado em percentual do faturamento, com previsão de um teto mínimo. Não há receita para todos os males nem há como antever todas as particularidades de cada caso concreto, observa. "Poderão existir situações em que, prosseguindo a atividade, ela estará mitigada e, por isso, uma suspensão do valor mínimo durante o período de exceção pode ser o caminho para atender os interesses de ambos os contratantes", pontua.

Ela alerta que é extremamente difícil e perigoso padronizar soluções para diferentes atividades econômicas e sustenta a declaração da Abrasce de que "cada praça país afora, cada shopping, cada segmento ou perfil de lojista, enfim, cada contrato individualmente considerado reflete uma realidade distinta, que só o gestor do empreendimento é capaz de compreender, no momento da escolha do caminho a seguir, nesse difícil período transitório excepcional de fechamento dos empreendimentos".

EVITAR A JUDICIALIZAÇÃO

Por esse motivo, embora haja tendência de que o Poder Judiciário encare a situação como um fato imprevisível, a análise da possibilidade de redução, isenção ou postergação do aluguel depende muito da relação travada entre as partes. E o mesmo se pode dizer em relação à quantificação dessa possível revisão. "Afinal, um contrato de locação que contou com reiterados descontos em favor do locatário não pode ser igualmente valorado quando comparado a um em que houve sucessivos ajustes anuais", reconhece.

Por fim, a Marina Amari alega que é prudente que se evite a judicialização dos contratos e que as partes se antecipem e encontrem uma solução consensual apta a ajustar o desequilíbrio da relação contratual.

Advogada, mestranda em Direito das Relações Sociais pela UFPR.

Como monitorar a segurança dos dados em momento de pandemia

*Fábio Isaguirre**

Os ataques cibernéticos tendem a se intensificar durante crises

O monitoramento de segurança e a resposta a incidentes são postos à prova durante a pandemia. É a primeira vez que tais disciplinas encontram um mundo em escala exponencial de dados, processamento e globalização, ao mesmo tempo que todas as regras do jogo mudam sem que as empresas e nações tenham se antecipado.

Nesse contexto, alguns pontos são importantes para garantir mais segurança nas organizações.

- Dissemine uma cultura de segurança

Alerte seus colaboradores para o risco de recebimento de e-mails de *phishing* associados ao coronavírus (Covid-19), paralizações ou mensagens associadas ao trabalho remoto. Após comunicação formal, a empresa também pode executar ou contratar uma campanha, para medir o grau de conscientização de segurança.

- Mantenha o monitoramento de segurança da infraestrutura tecnológica de forma contínua

A conscientização é importante e necessária, mas sozinha não é suficiente. O trabalho remoto exige cuidados especiais por parte do usuário final. Conexões a redes wireless desprotegidas (Wi-Fi público) ou o uso de computadores sem os softwares mínimos de segurança instalados e atualizados podem ser os elos fracos para um ataque à empresa. O mercado de segurança provê serviços de segurança gerenciados, como, por exemplo, o serviço de SOC (Security Operation Center), que traz visibilidade ininterrupta (24x7x365) das principais ameaças e eventos anômalos. Há várias outras soluções.

- Realize uma avaliação da segurança de suas aplicações

Você sabe qual o grau de exposição a riscos de segurança de suas aplicações publicadas para a internet? Os ataques continuam e até mesmo se intensificam em momentos de crise. Aproveite para pedir ajuda especializada para uma avaliação de sua superfície de ataque.

A execução de um teste de invasão (*pentest*) em sua infraestrutura tecnológica e/ou a avaliação específica de uma aplicação (web / mobile) por meio de um EHT (Ethical Hacking Test) permitem mitigarmos riscos de acessos não autorizados e vazamento de informações, permitindo à empresa atuar de forma tempestiva na resposta dos riscos identificados.

- Ative um serviço de inteligência de ameaças

A contratação de um SOC, a ativação de um serviço contínuo de gestão de vulnerabilidades e conformidades, bem como a execução de testes regulares de invasão, reduz riscos associados ao vazamento de informações, que neste momento poderiam ser utilizadas de forma ainda mais direcionada (*spear phishing*). Serviços de monitoramento contínuo de ameaças (Threat Intelligence) procuram por dados da organização e/ou de seus funcionários que estejam sendo comercializados em redes *deep* e *dark web* (mercado negro da internet).

Estar atento às ameaças é crucial para a segurança de todos e também de seus negócios.

**Gerente Sênior de Cibersegurança da EY Brasil.*

EY
Building a better working world

Em um futuro em que os dados estão em todos os lugares, como garantir que eles não caiam nas mãos erradas?

As soluções de cybersecurity da EY ajudam as empresas a superar desafios e aproveitar oportunidades em um ambiente de negócios disruptivo.

ey.com.br/cybersecurity

Quanto melhor a pergunta, melhor a resposta.
E melhor se torna o mundo de negócios.

© 2020 EYGM Limited. Todos os direitos reservados.

CNN

A CNN lançou uma ferramenta de comunicação para deixar a população ainda mais informada através de notícias selecionadas por especialistas.

Para receber diariamente por e-mail as newsletters "5 Fatos" e "Negócio Fechado", o interessado deve realizar a inscrição (preenchendo com seu e-mail e optando pelos assuntos desejados) através do link: https://newsletter.cnnbrasil.com.br/.

Inspirada na 5 Things, modelo de sucesso da CNN americana, a newsletter "5 Fatos" chega pela manhã com as principais notícias e as perspectivas do dia que começa, de forma rápida e informativa. Além dos cinco assuntos mais importantes do Brasil e do mundo, o material também trará outros fatos relevantes, que vão pautar as conversas do dia, além de vídeos com entrevistas e análises exclusivas.

A newsletter, que circula de segunda a sexta, se soma aos outros produtos multiplataforma "5 Fatos", que já conta com vídeos, podcasts e posts nas redes sociais em três edições diárias, além de versão para stories do Instagram.

Já a newsletter "Negócio Fechado" trará, de segunda a sexta, no final do dia, os principais impactos para os investimentos e finanças após o fechamento do mercado, além da cobertura das notícias de economia e negócios. Analítica, mas bastante didática, a newsletter terá informações valiosas sobre finanças pessoais e mostrará como os fatos da economia afetam o dia a dia da população na prática. Ela é inspirada na newsletter Before the Bell, outro sucesso da CNN dos Estados Unidos.

A CNN Brasil é conduzida pelo grupo brasileiro de mídia, conforme acordo de licenciamento de marca estabelecido com a CNN International Commercial (CNNIC), que abrange o acesso a certas propriedades, incluindo conteúdo da CNN International. O canal de notícias 24 horas está disponível desde o dia 15 de março de 2020 para assinantes da TV paga e também nas plataformas digitais.

FEBRABAN

Isaac Sidney assumiu, em março, a presidência executiva da FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos. Vice-presidente desde maio de 2019, foi diretor do Banco Central na gestão do ex-presidente Ilan Goldfajn, além de chefe de gabinete e secretário-executivo no mandato do ex-presidente Henrique Meirelles, e procurador-geral na presidência de Alexandre Tombini, bem como exerceu a advocacia privada na área de regulação bancária.

Ele substitui Murilo Portugal, que cumpriu três mandatos e ficou nove anos à frente da presidência da FEBRABAN.

Além da presidência, a FEBRABAN terá mudanças nas Diretorias de Comunicação e de Marketing. As duas áreas serão unificadas sob o comando de João Borges, que vinha atuando como comentarista de economia na GloboNews desde 2003. O jornalista trabalhou nos jornais O Globo e O Estado de S. Paulo, na rádio CBN, na revista IstoÉ e na TV Bandeirantes. Foi ainda chefe de Comunicação Social do Banco Central durante as gestões de Armínio Fraga e Henrique Meirelles.

Borges também se encarregará da área de Relações Institucionais da FEBRABAN.

BANCO BV

O Banco BV anunciou três iniciativas para ajudar no combate à pandemia de Covid-19 no Brasil. A instituição doou R$ 30 milhões e iniciou uma campanha para arrecadação de recursos que serão prioritariamente destinados para compra de insumos hospitalares e distribuição de itens de primeira necessidade aos projetos sociais que já mantêm relacionamento com o BV. Além disso, o Banco BV criou uma linha de crédito de R$ 50 milhões para fornecedores nacionais de equipamentos e serviços hospitalares essenciais no combate à Covid-19.

Os recursos doados já estão sendo entregues, incluindo aquisição de 50 respiradores em parceria com o Governo do Estado de São Paulo e auxílio de R$ 300 em vale alimentação para 1.400 famílias em estado de vulnerabilidade no Rio de Janeiro, atendidas pelo Instituto Reação, projeto já apoiado pelo Banco BV. A instituição ainda está empenhada em estender o benefício para os mais de 30 projetos sociais beneficiados pelo Banco BV e que atendem milhares de pessoas em todo o Brasil.

Além da doação, o Banco BV convida seus clientes, parceiros e sociedade, pessoas físicas e jurídicas, para se engajar em uma campanha de arrecadação online. As doações serão feitas pela plataforma digital "Abrace uma Causa", reconhecida pela capacidade de conectar pessoas e empresas com causas sociais de várias regiões do Brasil. Para cada R$ 1 doado por pessoa física, o Banco BV doará a mesma quantia, até o total de R$ 10 milhões.

Rio Eu Amo Eu Cuido: 10 anos de história

Ação "Lixo Gigante" - Dia de São Sebastião, janeiro 2014

FOTO: ARQUIVO RIO EU AMO EU CUIDO

Ação "Torcida do Lixo" - 2016

FOTO (ESQUERDA): EXPERIÊNCIA ÚNICA FILMES FOTO: ARQUIVO RIO EU AMO EU CUIDO

Ação "Rio ao Mar" no Arpoador, fevereiro 2020

Ação "Galeria Urbana" no Cerro Corá, janeiro 2016

FOTO: ARQUIVO RIO EU AMO EU CUIDO

Esse ano o movimento Rio Eu Amo Eu Cuido completa 10 anos. E mesmo com tudo que estamos enfrentando, esse aniversário merecia uma homenagem especial.

Ele nasceu com o objetivo principal de unir esforços, mudar o comportamento e despertar a consciência de quem vive e transita na cidade diariamente, e já acumula muita história. São mais de 18 mutirões de limpeza, 9 ações em praças da cidade, sendo 4 revitalizações, 16 campanhas com diferentes objetivos e inúmeras ações em todas as zonas da cidade!

Mesmo enfrentando muitos desafios, o Rio Eu Amo Eu Cuido sempre buscou propagar boas ideias, canalizar boas intenções e criar um fluxo de positividade em prol da cidade. Apesar de ter feito muita diferença no Rio, os obstáculos ainda são enormes e o trabalho é diário.

"Grande parte das ações são rápidas, eficientes, resolvem questões pontuais e tendem a chocar para sensibilizar" diz Ana Lycia Gayoso, uma das coordenadoras do movimento.

Nesses 10 anos de caminhada, foram mais de 1 milhão de pessoas impactadas, de uma ponta a outra da cidade. A tendência é continuar sendo um catalisador de ideias, sempre com pessoas diferentes, de origens e classes sociais distintas, lutando pela mesma causa: a cidade!

E aí, prontos para mais 10 anos amando e cuidando do Rio?

Redes sociais
Instagram e Facebook: @rioeuamoeucuido

Setores, como o turismo, não serão mais iguais ao que eram, diz Joaquim Levy

O mundo, agora, é diferente e não adianta pensar em uma reconstrução das economias da mesma forma que ocorreu em crises anteriores. Mais: alguns setores terão transformações permanentes e não voltarão a ser o que era antes. Essa é a opinião do ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e ex-ministro da Fazenda, Joaquim Levy.

Mesmo assim, as contas do Estado precisam ficar organizadas. Para ele, o mercado vai aceitar melhor ou pior o déficit nas contas públicas que está sendo projetado agora, de 5,5% do PIB, a depender do que se vote no Congresso.

Segundo Levy, seria o momento de passar alguns marcos regulatórios, como saneamento e gás natural, bem como a reforma tributária, que simplifique o PIS/Cofins. O ex-ministro chama a atenção para o fato de que a preparação da economia para uma saída ordenada da crise é crucial. A seguir, os principais trechos da entrevista, concedida ao jornal O Estado de São Paulo:

A crise está sendo vista com um ineditismo a respeito da rapidez e do elevado grau de incertezas. Qual a sua percepção?

Sem dúvida, a velocidade da disseminação é inédita. Há muita incerteza e as informações são escassas. Difícil fazer inferências e prognósticos. Por exemplo, pouco sabemos do que aconteceu com as 3.700 pessoas que estavam naquele navio que fez em quarentena em Tóquio em fevereiro, o Princess Diamond. Afora que morreram 12 pessoas idosas. E a tripulação? Os 700 que estavam infectados, o que aconteceu? No Brasil, os milhares que viajaram no carnaval, onde e como estão? Em tudo há um aprendizado, como no caso das máscaras que foram, inicialmente, descartadas. O importante é ter humildade, adaptabilidade e se preparar para uma convivência com o vírus, que pode ser longa.

“E a volta ao trabalho? Enquanto não há um remédio ou vacina, a discussão de voltar ao trabalho só faz sentido com planejamento e protocolos validados.”

O que esperar desse lockdown do ponto de vista de impacto econômico no Brasil e no mundo?

O impacto vai ser grande. Há setores, como o de viagens a negócios, que jamais serão iguais. Viagem e turismo correspondem a 11% do PIB mundial, e sendo grande empregador, mostra como será difícil o curto prazo. No Brasil, temos os trabalhadores informais que dependem de prestar serviços em contato pessoal. Agora é planejar como conviver com o vírus, porque achatar a curva de transmissão significa aprender a viver com ele, que não vai desaparecer até que haja uma vacina ou remédio eficaz. Estou como convidado na Universidade de Stanford desde o começo do ano e sei que há intensa pesquisa lá e em inúmeros centros de pesquisa ao redor do mundo, mas não há previsão de remédio nas próximas semanas. Não estamos acostumados com essa realidade, mas não é inédito nem desesperador. De certo modo, e abstraindo possíveis conotações políticas, é um pouco como nos anos 1970, quando o Ocidente tinha que conviver com o comunismo, sem perspectiva de vitória imediata, mas tampouco se encolhendo.

E a volta ao trabalho?

Enquanto não há um remédio ou vacina, a discussão de voltar ao trabalho só faz sentido com planejamento e protocolos validados. Além de garantir o financiamento da saúde, inclusive em Estados e municípios, tem-se que responder a perguntas tais como a forma de organizar os locais de trabalho. Planejar se as empresas devem prover transporte para os empregados ou como vai ser o transporte público e quem pode usar ou não. Como medir temperatura do usuário, limpar duas ou três vezes por dia os ônibus, como na Ásia. Como desenvolver testes no Brasil em quantidade, além dos que se conseguir importar. Construir essas respostas é a maneira de garantir a volta ao emprego. É isso que os Conselhos de Administração e as diretorias das grandes empresas precisam para tomar decisões com mais segurança. E o dono da mercearia também. A tecnologia pode ajudar. Por exemplo, quem tiver um trabalho aprovado, recebe mensagem no SMS e pode circular com as cautelas necessárias. Isso parece ficção científica, mas é assim numa economia de guerra enquanto não houver vacina. Para os negócios que não podem ser conduzidos por internet, a retomada tem que começar assim.

O que mais pode mudar?

Outra mudança central é a forma com que as empresas e pessoas estão vendo a questão climática. Como o coronavírus, a evidência científica aponta um grande risco, mas que no dia a dia se vai empurrando. Agora a ficha está caindo, e mudanças que em tempos normais não ocorreriam, têm mais chance agora. Tentar reconstruir a economia como era um tempo atrás não vai funcionar é um mau investimento. O que a gente vê em Stanford e em contato com especialistas ao redor do mundo é que as novas energias são mais produtivas que as antigas e a questão em geral é vencer os obstáculos para sair do ponto A e chegar no ponto B, que é mais vantajoso.

Então, se o governo vai resgatar empresas, está pagando renda mínima para milhões de pessoas, melhor ele, por exemplo, aproveitar e ajudar a financiar a transição do carvão para renováveis. Fiscalmente também se paga porque as renováveis e algumas outras alternativas, além de mais baratas, criam empregos e, ao reduzirem a poluição do ar, diminuem os gastos de saúde. No Brasil, estamos melhor porque a matriz energética é limpa, apesar da poluição do ar nas grandes cidades por causa do trânsito, onde a eletrificação do transporte público pode ajudar. Mas temos uma tremenda desvantagem competitiva, que são as emissões do desmatamento. Elas são maiores do que as emissões da nossa indústria e são um risco para o crescimento econômico.

Qual a sua avaliação sobre as medidas tomadas pelo Banco Central para injetar liquidez no sistema?

Estão corretas. Tem que injetar liquidez e fazer esforço para chegar na ponta. Outro dia o presidente do Bradesco (Octavio de Lazari) explicou o que os bancos estão fazendo, postergando vencimentos, financiando a folha de pagamento, comprando carteiras quando dá. O Banco Central tem que apoiar esse esforço. Inclusive provavelmente comprar dívida pública, porque imagina a empresa que tem sua poupança no fundo DI e na hora de sacar tem o risco de enfrentar um deságio?

Publicado no jornal O Estado de São Paulo, abril 2020

Economista.

Confira filmes, livros e perfis

*Walter Poladian**

Três filmes para conhecer o mercado financeiros.

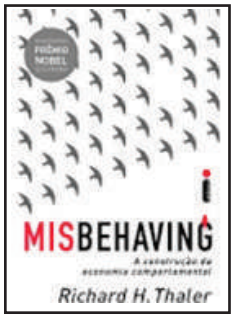
Wall Street – Poder e Cobiça (1987) – um dos maiores clássicos quando o assunto é mercado financeiro, o filme deu o Oscar de Melhor Ator a Michael Douglas pelo papel de Gordon Gekko, um executivo bilionário. Dirigido por Oliver Stone, a obra retrata o lado oculto do investimento em ações, focado na ganância e na especulação como forma de enriquecimento.

Margin Call – O Dia Antes do Fim (2011) – No estágio inicial da crise financeira de 2008, um analista de um grande banco de investimentos de Wall Street, descobre informações que podem gerar um colapso no mercado financeiro. Nas horas seguintes, executivos do banco conversam sobre decisões que podem afetar não só as carreiras de seus colegas e a solidez da instituição, mas também de todo mercado.

A Grande Aposta (2015) – Em 2008, o gestor de um fundo de Wall Street percebe que uma série de empréstimos feitos para o mercado imobiliário está em risco de inadimplência. Ele decide então apostar contra o mercado, investindo mais de um bilhão de dólares. Sua aposta atrai a atenção do executivo de um banco de investimentos que percebe a oportunidade e passa a oferecê-la a seus clientes. Juntos, esses homens fazem uma fortuna durante o colapso econômico americano.

Três livros para aprofundar seus conhecimentos em finanças.

Princípios (2017) – escrito por Ray Dalio, fundador da Bridgewater, o maior hedge fund do mundo, o livro apresenta as técnicas utilizadas pelo autor, testadas e experimentadas ao longo de sua carreira. A proposta é fornecer uma base para a tomada de decisão, permitindo que as pessoas alcancem seus objetivos.



Misbehaving (2015) – a obra é de Richard Thaler, Nobel de Economia em 2017 e um dos precursores da Economia Comportamental, isto é, da análise psicológica para a tomada de decisão do investidor. O livro traz a história desse conceito, desde sua formulação até os dias atuais, mostrando exemplos práticos de como influencia nosso dia a dia.

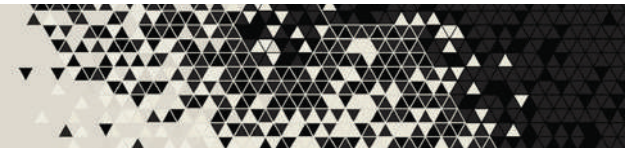
O Jeito Warren Buffett de Investir (1994) – clássico para investidores iniciantes e experientes, o livro escrito por Richard Hagstrom traz dicas, técnicas e métodos desenvolvidos por Warren Buffet, considerado um dos maiores investidores de ações de todos os tempos e uma das pessoas mais ricas de todo o mundo.

Três perfis em redes sociais para ficar conectado ao mercado financeiro

Henrique Bredda (Twitter @hbredda) – cofundador e gestor de fundos de ações da gestora Alaska Asset Management. Em seu perfil no Twitter, Henrique Bredda traz análises e estudos sobre o mercado de ações, além de compartilhar informações sobre o mercado.

Luciana Seabra (Twitter @luciana_seabra) – CEO e sócia-fundadora da casa de análise Spiti, Luciana Seabra é especialista em fundos de investimento e aborda o tema em seu perfil no Twitter, utilizando o didatismo e a preocupação com a informação financeira para opinar, dar dicas e informar.

Ana Laura Magalhães (Instagram @explicaana) – sócia e especialista de investimentos na XP, Ana Laura Magalhães é considerada a "digital influencer" do mercado financeiro nacional. Por meio de seu perfil no Instagram, ela dá orientações, entrevista gestores e publica informações relevantes ao público interessado em investir melhor.



Planejador financeiro e cofundador do Fliper, plataforma de consolidação de investimentos de bancos e corretoras de forma automática. Possui um aplicativo para investidores e uma plataforma Web para assessores de investimentos. Foi lançado em outubro de 2018 e hoje conta com mais de 60 mil usuários e R$ 7 bilhões de investimentos mapeados. Está disponível para os sistemas iOS e Android com download gratuito.

GAIA SILVA GAEDE
ADVOGADOS

- Tributário
- Societário
- Regulatório
- Civil Empresarial
- Trabalhista
- Previdenciário

São Paulo | Rio de Janeiro | Curitiba | Belo Horizonte | Brasília

www.gsga.com.br

O momento da consciência e da mediação

*Paulo Akiyama**

Em meio a pandemia declarada pela OMS sobre a disseminação do COVID-19, a partir de 11 de março de 2020 a vida dos brasileiros começou a sofrer uma enorme mudança.

Os primeiros casos em São Paulo começaram a surgir, tomando uma curva crescente e assustadora, levando o Governo do Estado de São Paulo decretar quarentena, podendo ser prorrogado por mais tempo, e até determinar se será isolamento total (isolamento ampliado) ou parcial (isolamento seletivo).

A partir dos fechamentos do comercio não essenciais, deu-se início a grande preocupação de como ficarão os negócios, como pagar as dívidas, como receber de seus clientes, ou seja, a incerteza total.

Uma certeza existe, após este pandemônio, como apelidei a pandemia, a qual gerou uma tremenda confusão em todo o mundo, haverá gradativamente a retomada dos negócios.

Neste momento, vários artigos, em especial jurídicos, trazem à tona a teoria da imprevisão, o caso fortuito ou força maior, o fato do príncipe, todos previstos em nosso ordenamento jurídico.

Foi apresentado um Projeto de Lei do Senado (PL 1179/2020) restringindo os direitos privado, de forma temporária em razão da crise que já assola o país. Também busca a não prática de calote por parte de aproveitadores, que infelizmente neste momento trágico, surgem como formigas. Porém, o momento não é de litígio, mas de negociação, caso contrário, não sobrará pedra sobre pedra, ou como dizem nas redes sociais, a situação da latinha, ou seja, lá tinha uma loja, lá tinha um shopping, etc...

Muitos empresários vão enfrentar uma luta insana com os Bancos em especial, pois como historicamente, as instituições financeiras são frígidas, buscando apenas o lucro e a redução dos riscos. Já acompanhamos alguns clientes que estão buscando negociação de seus contratos de capital de giro, em espacial os parcelados bem como outros garantidos por duplicatas. As respostas dos Bancos, ao menos por enquanto, é de aceitar a postergações de parcelas para o final do contrato e/ou acatar as prorrogações dos títulos em caução. Porém, querem aplicar uma taxa de juros proibitivas, elevando a dívida de forma que deixa todos os seus clientes inseguros de assinar os aditamentos dos contratos, e que os levará ao inadimplemento.

Por que esta citação acima? Porque a negociação e a mediação são de suma importância, afinal, se os Bancos continuarem com esta linha, certamente não terão clientes no amanhã muito próximo. Os Bancos lucraram centenas de milhões no ano de 2019, sem contar nos anos anteriores, não seria o momento de apoiar aqueles que lhes fizeram realizar tantos lucros? Ou é ora de matar a galinha dos ovos de ouro? A minha orientação a todos é buscar uma negociação antes de qualquer outra decisão, negociar, negociar, negociar é o caminho. Buscar uma mediação, se caso for, pois os bancos principalmente, não concederam uma carência aos seus clientes, não aprovarem os créditos de repasse de recursos do BNDES, não atendendo seus clientes com as linhas crédito para a folha de pagamento, não terão mais clientes, e não é daqui um tempo, é imediato, pois inúmeros se tornarão insolventes.

“Portanto o futuro é incerto, mas sem dúvidas enfrentaremos uma enorme recessão nunca antes vista, não somente o Brasil, mas o mundo, pois os governos estão se endividando para atender as necessidades do povo, e não há arrecadação, em razão do isolamento social ampliado.”

Caso os bancos, os locadores de imóveis, os fornecedores não se engajarem na busca de uma rápida solução, a segunda onda, como fala o Ministro Paulo Guedes, será devastadora. A única certeza que temos é que esta segunda onda, como em um tsunami, esta se armando para arrasar com a nossa economia não sendo diferente em outros países que foram atingidos pela primeira onda (contaminação e mortes) terão também que tratar da segunda onda, com uma diferença, eles são mais ricos do que nós, os europeus tem a comunidade europeia e os Estados Unidos é um país de muitas reservas. E o Brasil?

As escolas e os pais de alunos devem negociar, reduzir o valor das mensalidades dentro de um cenário que se descortina, não há aulas presenciais, há portanto a redução de seus custos fixos, como energia elétrica, agua, produtos de limpeza e higiene, bem como, podem renegociar com seus funcionários a redução de salários. O ponto primordial a ser levado em consideração é que muitos pais são profissionais autônomos e que estão sem atividade, outros foram demitidos, outros tiveram seus salários reduzidos. Da mesma forma que os Bancos, as escolas podem sofrer um cancelamento de seus contratos de prestação de serviços educacionais em massa, sendo ainda muito mais traumático do que a negociação. Todos esquecem que, se mantiverem receitas, podem administrar os custos, mas sem receita, não temos o que administrar.

Fabricantes, distribuidores, lojistas, e demais, precisam entre si se acordarem de como poderão buscar uma forma factível de negociar, pois não pode esquecer que um depende do outro, enquanto são fornecedores também possuem seus fornecedores, cada um deve buscar uma forma de parcelar, pagando ao menos uma parte de sua divida. Como diz o Feng Shui, a roda da fortuna deve girar, mesmo que seja em velocidade menor.

Não havendo um consenso entre devedores e credores, além das vidas que se perderão e os efeitos colaterais que atingirá nossa economia, entre eles, uma enxurrada de pedidos de falência, Recuperação Judicial, declaração de insolvência, execuções de dividas, busca e apreensão de bens financiados ou dados em garantia, consolidação das escrituras de alienação fiduciária dados em garantia de empréstimos , e demais medidas de tentativa de recuperação de créditos.

Podemos ainda trazer uma correlação da quebra geral de 1929, levando em especial, os Estados Unidos a quebra, onde tiveram milhares de suicídios.

Portanto o futuro é incerto, mas sem dúvidas enfrentaremos uma enorme recessão nunca antes vista, não somente o Brasil, mas o mundo, pois os governos estão se endividando para atender as necessidades do povo, e não há arrecadação, em razão do isolamento social ampliado.

Se cada um de nós agir de forma consciente, responsável, flexibilidade, tentar olhar para um horizonte maior, certamente teremos uma melhora na circulação de recursos, cada um atendendo e respondendo pela sua capacidade de assumir as eventuais postergações que possam vir a existir. Aqueles que souberem administrar a atual situação certamente ressurgirão mais fortes e experientes.

Formado em economia e em direito desde 1984. É palestrante, autor de artigos, sócio do escritório Akiyama Advogados Associados e atua com ênfase no direito empresarial e direito de família.

Coronavírus: planejamento é a palavra-chave para as empresas

*Marcos Yabuno Guglielmi**

A sensação de estar com a corda no pescoço já é comum para muitas empresas, principalmente quando se trata do pequeno e médio negócio. Em 2015, uma pesquisa do JPMorgan Chase Institute revelou que metade das pequenas empresas nos Estados Unidos tinha caixa para sobreviver por apenas 27 dias sem novas receitas. De lá para cá, pouca coisa mudou e ainda fomos surpreendidos com a pandemia do Covid-19.

A falta de planejamento nas empresas é atemporal. Quando pensamos em quantas famílias dependem do funcionamento de um mercado de bairro, uma mercearia ou pizzaria, entendemos a gravidade que é a fonte de receita de tantas pessoas ser bruscamente interrompida, como no caso de uma determinação de isolamento.

As demandas do dia a dia, naturalmente, consomem tanto o empresário que acaba sobrando pouco tempo para preparar os passos para os próximos meses. Bom, "falta de tempo" para planejar tem sido a desculpa dos empresários, mas o que se observa é que fazer planejamento dá trabalho, exercitar a capacidade de prever acontecimentos não é fácil, então eles vivem o dia-a-dia, resolvendo os problemas conforme aparecem, sem se preocupar em preveni-los. Além disso, a falta de conhecimento sobre como fazer um planejamento bem estruturado também é prejudicial. Há ainda quem o faça corretamente, mas que acabe não seguindo o que foi planejado ou abandonando o plano no meio do caminho.

A lógica é mais simples do que parece: se, em tempos de abundância, eu fizer um planejamento financeiro, nas épocas de escassez, terei plenas condições de passar pelas adversidades sem tantos impactos. Mas, se nunca me planejo para fortalecer meu caixa, quando as vendas caírem fortemente, terei que tomar ações de urgência, como demissões, empréstimos, entre outras.

Um bom planejamento, seguido à risca, é capaz de evitar que o empresário viva pela urgência e é o remédio para evitar que os problemas continuem aparecendo no dia a dia. Ele deve conter objetivos claros e específicos, estratégias com foco nesses objetivos e o passo a passo para que elas sejam atingidas. Também é recomendado reunir semanal ou quinzenalmente todos os envolvidos no planejamento para fazer o acompanhamento dessas atividades, medindo sua eficácia e fazendo os ajustes necessários. Além disso, a empresa deve pensar, pelo menos, para os próximos seis meses – o ideal mesmo são planejamentos trimestrais, uma vez que os anuais e até os semestrais tendem a ser deixados de lado.

Uma empresa deveria ter pelo menos três meses de caixa a custos e despesas fixas (idealmente seis meses) como reserva para passar por períodos de baixa. Alguns acreditam que este parâmetro é impossível de se obter. Normalmente, estes são os mesmos que não se planejam para tanto, e de modo geral, não conhecem de forma precisa seus custos e despesas. Todos sabem da necessidade de se apurar, medir, analisar e gerir os custos e despesas, mas a prática é bem diferente da teoria na esmagadora maioria dos casos.

Por fim, um ponto importante é que não dá para culpar o coronavírus pela falta de planejamento. Um dado divulgado ao IBGE referente a 2014 mostra que, de cada 10 empresas abertas no Brasil, seis fecham as portas antes de completar cinco anos. Ou seja, o problema não é de hoje. Claro que a pandemia do Covid-19 atingiu a humanidade de maneira absurda, mas, como todas as outras, faz parte de um ciclo com início e fim, e as empresas que souberem enxergar uma oportunidade neste momento sairão dessa crise ainda mais fortes. O que podemos esperar é que empresas que já possuíam uma cultura de planejamento conseguirão driblar as dificuldades com mais tranquilidade e fazendo menos sacrifícios. Sem dúvidas, o planejamento é o que poderá salvar as empresas da crise do coronavírus. Só que agora o planejamento é de contingência para a crise e precisa ser feito imediatamente. Então, nunca foi tão importante fazer planejamento, mesmo parecendo um paradoxo agora que a incerteza é alta.

**Coach empresarial certificado da ActionCOACH, empresa número 1 do mundo em coaching empresarial.*

Tendências e estratégias para o líder em um novo cenário

*Taiana Jung**

É possível dizer que a crise com o COVID-19 pegou o mundo de surpresa. Da noite para o dia, mudamos hábitos, alteramos radicalmente o modelo de produção dos negócios - sejam eles de pequeno, médio ou grande porte. Os governos passaram a buscar novas alternativas para a economia, a saúde, a segurança e tantos outros assuntos. O PIB nacional, que tinha previsão de crescimento, passou a ter previsão negativa. Bolsas de valores despencaram. As percepções dos sentimentos de insegurança e de medo aumentaram, ao mesmo tempo que a fé e o senso de coletividade também. Diante desse cenário, a figura do líder nunca foi tão importante e requisitada em todos os setores: do empresarial, do governo, do terceiro setor, de instituições religiosas e familiares.

Como ter respostas assertivas, criativas e humanizadas? Ser resiliente? Ter foco? Passar confiança e inspirar? Um desafio e tanto que se pode dizer que faz parte do conjunto de características de um líder. Porém, nesse momento, a diferença é que novos fatores foram incluídos, como, por exemplo, a velocidade e a qualidade das respostas à crise. Ou seja, a tomada de decisão, que será responsável pela manutenção do negócio, o cuidado com as pessoas e o pronto atendimento as necessidades da sociedade. Sendo assim, a grande questão é o equilíbrio entre essas características do líder e o tempo, a velocidade e a capacidade de revisão de rotas para ajustar e gerenciar as perdas.

A velocidade exige mais precisão e pode ser encontrada na capacidade analítica, na organização de dados, na utilização de ferramentas tecnológicas, na escuta ativa e na colaboração do time. Mas para que isso surja efeito, o foco deve ser compartilhado e traduzido em metas e ações claras - por meio de uma comunicação eficaz, com canais de fácil acesso. E como fazer tudo isso a distância, em um modelo de trabalho que em poucos dias atrás não se aplicava? É aí que entra a capacidade de mudança e adaptação de todos. O líder precisará não só incorporar e aprender, mas também buscar formas de "humanizar" o virtual, que nesse momento, também, passa por grande mudança de uso e apropriação, já que anteriormente a relação da "máquina" com a pessoa era quase que uma intimidade. Atualmente, essa mesma máquina (laptop, celular, etc) que o conectava ao seu universo particular e idealizado, passa a ser, ao mesmo tempo, a sua ferramenta de trabalho e de todos os tipos de relacionamentos, seja de atuação por meio de reuniões e congressos, a lazer e realização de encontros familiares - festas como aniversários, entre outros.

Nesse sentido, no âmbito do mundo do trabalho é possível criar uma rotina de conversas, pontos de checagem, momentos de integração como cafés virtuais, incluir meditação, buscar formas alternativas de escutas que acolham as diferentes necessidades, pois todos precisam sentir-se seguros, acolhidos e ouvidos presencialmente ou a distância. Nesse momento as fragilidades são maiores do que parecem ser!

E depois do fator tempo, aparece o fator cuidar. Nesse caso, o cuidar de si próprio e do outro, pois humanizar começa da pessoa para a organização e não ao contrário. Por isso, pergunte-se: você está investindo tempo suficiente cuidando de si mesmo? Por exemplo, meditando, se autoconhecendo, praticando atividade física e se alimentando bem para que você possa ser a melhor versão de si mesmo liderando os outros? Como você vai medir seu próprio desempenho? Como quer que sua liderança seja lembrada depois dessa crise?

O líder em tempos de gestão de crise, entre outras competências, precisa ser resiliente. Resumidamente, a resiliência pode ser compreendida como a capacidade de pessoas e organizações superarem à crise e construírem ações positivas a partir de eventos negativos. Isso permitirá a construção de novos aprendizados, o fortalecimento do negócio, das pessoas e contribuirá com a percepção positiva da empresa perante a sociedade. O que vai mudar o mundo é o propósito, as boas estruturas organizacionais, as boas lideranças, os bons processos decisórios, as boas relações de cooperação e as boas intenções seguidas de práticas!

*Taiana Jung atua há mais de 15 anos nas áreas de planejamento estratégico, pesquisa, formação e avaliação. Possui larga experiência em facilitação e mediação de eventos e formações. É Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisa Social (ENCE/IBGE), Personal Coach (Sociedade Brasileira de Coaching), Mediadora de conflitos (Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro), Especialista em Organização Espacial do Rio de Janeiro e Licenciada em Geografia (UFF). No setor público, foi chefe do Centro Social da Fundação Leão XIII. Na área acadêmica, já atuou como Professora no curso de graduação em Geografia (UERJ-FFP) e como Pesquisadora convidada do Departamento de Endemias (ENSP/Fiocruz). Compõe o grupo de orientadores do CIEDS. Atualmente, é gestora do Grupo de mulheres "Somos Empreendedoras", com mais de 160 participantes em Niterói. Desde 2008, é sócia gerente da Logos Consultoria, na qual exerce a função de diretora técnica.

Professora no curso de graduação em Geografia (UERJ-FFP), pesquisadora convidada do Departamento de Endemias (ENSP/Fiocruz), é sócia gerente da Logos Consultoria.

Saúde mental, o isolamento social não nos roubou a capacidade de sonhar e planejar

*Isabel Marçal**

Tão ou mais contagioso do que o coronavírus é um "novo" comportamento que tem invadido as casas na quarentena: o tempo dedicado ao planejamento. Não estou me referindo àqueles planos que fazemos nos inícios de ciclos; os feitos no começo do ano, repletos de expectativas e promessas individuais e coletivas. Estou falando dos projetos de vida desenhados enquanto vivenciamos a maior crise contemporânea da humanidade – e principal desafio global desde a Segunda Guerra Mundial. A pandemia causada pelo COVID-19 despertou a humanidade para a necessidade de sonhar e planejar. O medo e a tristeza não domaram o nosso espírito; ao contrário, reforçaram a nossa capacidade e vontade de usar o tempo conquistado pelo isolamento social para responder à uma pergunta simples. O que quero fazer depois dessa hecatombe?

Em 2020, a vida virou do avesso e, como diria Milton Nascimento, "nada será como antes". Estamos no quarto mês do ano, no terceiro mês de enfrentamento global do COVID-19 e, aqui no Brasil, convivendo com uma avalanche de sentimentos como medo, insegurança e tristeza. Na semana passada, recebemos a notícia de mais um tempo nestas condições, de extrema mudança comportamental para a maioria das pessoas, pois não é ficar em casa – muitos amam – sim, ser obrigado a ficar em casa. Perdemos um direito básico: ir e vir. Reconquistamos o direito de planejar. No Instituto Bem do Estar, acreditamos que sairemos dessa experiência mais fortalecidos como humanidade, pois é destino do ser humano ser "HUMANO". Esta pandemia esgarçou a nossa capacidade de realizar, no momento, muitos de nossos planos, mas não rompeu a nossa capacidade de planejar. Hoje, essa vontade se fortaleceu, mesmo que você não se dê conta. Perguntei para nossa equipe qual seria o primeiro plano pós-quarentena e as respostas mostram duas necessidades claras: a presença do outro e de sair do automático para viver o agora.

Camila, nossa conselheira, disse que assim que o isolamento acabar irá pegar qualquer meio de transporte possível e irá para Curitiba ver os sobrinhos – que mudaram dias antes de tudo isso começar. Outra conselheira, Betânia, contou que irá direto para Paraty, tomar um belo banho de mar, respirar aquela energia e encontrar amigos. Milena, cofundadora do Bem do Estar, não vê a hora de conhecer a sobrinha que nasceu. Já Sofia, uma voluntária, foi enfática e certeira: "quero retomar o meu trabalho"; mesmo um dos conselheiros, Fabio, que diz não ter tido tempo para planejar – é pai do pequeno Leo – pensou em ver pessoas, sair para um barzinho.

Ah, eu não podia deixar de dividir o meu plano, que na verdade são três e frutos do olhar para dentro, da saída do automático de algum tempo atrás e que somente se fortaleceram, no agora. O primeiro é correr, correr e correr muito, pois desde que parei de fumar (cinco meses e meio) esse virou meu vício e a abstinência não está fácil. Depois (ou ao mesmo tempo, será que corro 400 km? Acho que não, então, terá que ser de carro mesmo) ir visitar meus pais, a saudade grita. E, por último e não menos importante, cozinhar para meus amigos, com direito a abraços longos, de mais de 20 segundos – pois já é comprovado, pela neurociência, que estes produzem ocitocina, gerando efeito terapêutico sobre o corpo e mente.

Ao olhar para as respostas da equipe, percebemos que a pandemia está nos convidando a pensar melhor em nossos planos e nos dando a oportunidade de nos reconectar – conosco e com os outros. Mas como parar para cuidar de nós em meio ao tsunami de informações e do medo diante do futuro incerto? Uma dica: separe alguns minutos no final de cada dia para escrever e refletir sobre a maneira como despende o próprio tempo com cada atividade – desde a meia hora que ficou enviando e-mails, até as duas horas assistindo Netflix. No final da semana, observe o tempo gasto com cada atividade e perceba quais os sentimentos você tem com cada uma delas e, principalmente, o que sente falta.

Muitas atividades consideradas "simples" poderiam ser executadas em menos tempo, caso não houvesse outra distração. Será que se você praticar atenção plena, ou seja, fizer uma única atividade com total atenção nela, você não ganharia mais tempo para praticar algum exercício, ler um livro ou qualquer outra atividade que te traga prazer? Pense

FOTO: UNSPLASH - JUD MACKRILL

nisso, lembre-se que não adianta se "atolar" de tarefas e não separar um "respiro" para você.

Por fim, lanço um desafio: aproveite que o planejamento entrou na sua vida e pense em formas de cultivar uma mente saudável e descansada – que produz bem mais do que uma exausta!

O Instituto Bem do Estar foi fundado em 2018 por Isabel Marçal e Milena Fanucchi, o Instituto Bem do Estar é um negócio social sem fins lucrativos voltado à promoção da saúde da mente. Com o propósito de desafiar as pessoas a mudar o próprio comportamento em relação à saúde da mente, a organização colabora com a prevenção de doenças psicológicas e contribui para uma sociedade mais consciente e saudável. Para tal, possui três frentes de atuação, que visam a transformação social necessária a uma sociedade que está em falência emocional.

No pilar CONSCIENTIZAR, informa a população sobre os cuidados para uma saúde da mente de qualidade, estimulando a busca pelo autoconhecimento e o despertar da empatia por meio de conteúdo digital, campanhas de conscientização e mostras e exposições culturais. Em CONECTAR, promove experiências do cuidado com a mente, proporcionando ferramentas que contribuem com o desenvolvimento socioemocional individual e coletivo por meio de atividades práticas, como vivências, *workshops* e palestras, além da divulgação de locais de atendimento terapêutico gratuitos ou por contribuição consciente. Em MOBILIZAR, entende o contexto sobre saúde da mente e o impacto na sociedade, gerando estatísticas e articular agentes públicos e privados, visando o acesso a políticas públicas via pesquisas e práticas de *advocacy*.

Fundadora e presidente do Instituto do Bem Estar. Especialista em gestão de projetos sociais, com 15 anos de experiência no setor de Impacto Social.

Estudo desvenda formação de estruturas complexas como as dos Coronavírus

Pesquisadores do Brasil, China e EUA colaboram na investigação que pode levar a aplicações em fármacos e vacinas, dentre outras

Geometrias análogas à forma de um ouriço - uma esfera coberta de espinhos - são bastante comuns na Natureza, em organismos que vão de algas e vírus (inclusive o SARS-CoV-2, causador da Covid-19) a plantas. No entanto, embora a biologia seja uma profícua geradora dessas estruturas complexas, processos de síntese nos laboratórios humanos enfrentam grandes obstáculos para reproduzi-las, devido à dificuldade de controlar o processo de montagem dessas estruturas maiores a partir de "blocos de construção" menos complexos.

Um artigo publicado hoje na Science (na seção "First Release", que disponibiliza online artigos selecionados antes da publicação da edição completa do periódico) dá passos importantes na direção não só de obtenção dessas partículas, mas também na compreensão das leis físicas que governam a sua montagem - em sistemas biológicos e artificiais - e no estabelecimento de métodos para medir sua complexidade. O trabalho é resultado da colaboração entre pesquisadores do Brasil, Estados Unidos e China.

André Farias de Moura, docente do Departamento de Química (DQ) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que coordenou a etapa de modelagem computacional da pesquisa, conta que a história do artigo começa há quase dois anos, quando pesquisadores sob a orientação de Nicholas A. Kotov, um dos autores do trabalho, professor da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, obtiveram nanoestruturas com características muito particulares. "Eles obtiveram nanoestruturas de sais de ouro e aminoácidos com alta complexidade e com forma e tamanho controlados. No entanto, o resultado esperado era a obtenção de aglomerados de baixa complexidade. Por isso, e pelo tipo de complexidade obtido ser semelhante àquele observado em vários organismos microscópicos, o resultado chamou nossa atenção", relata.

O grupo partiu então para testes com diferentes parâmetros de síntese experimental das mesmas nanoestruturas e, a partir da complementação do estudo com a modelagem computacional, verificou que geometrias complexas resultavam da disputa entre diferentes leis físicas atuando no processo de montagem, que compreendem interações eletrostáticas, elásticas e supramoleculares. No caso das interações eletrostáticas, por exemplo, a variável relevante eram as cargas elétricas de cada "bloco de construção". Se forças atrativas dominassem o processo, as partículas colapsavam umas com as outras; mas, se as cargas fossem repulsivas, estruturas mais interessantes começavam a emergir.

Os pesquisadores também verificaram que as estruturas mais complexas demandavam uma outra propriedade, relacionada à quiralidade, que tem vínculo com a forma das partículas.
O modo mais comum de descrever a quiralidade é por analogia com as nossas mãos: a esquerda é uma imagem especular da direita, sendo impossível a sobreposição exata das duas. Algumas partículas e moléculas apresentam quiralidade e, quando em ambiente também quiral - como são todos os sistemas biológicos -, suas versões "direita" e "esquerda" têm propriedades distintas.

No caso da pesquisa com as nanoestruturas de ouro, os "blocos de construção" usados foram fitas bidimensionais, folhas muito finas, com espessura de 1,2 nanômetro, mas compridas, com mais de um micrômetro de extensão, recobertas com aminoácidos quirais, conhecidos como cisteínas. A quiralidade se manifestou na forma da torção dessas fitas em um sentido bem definido - para a esquerda ou para a direita, conforme o aminoácido presente fosse preponderantemente L-cisteína ou D-cisteína.

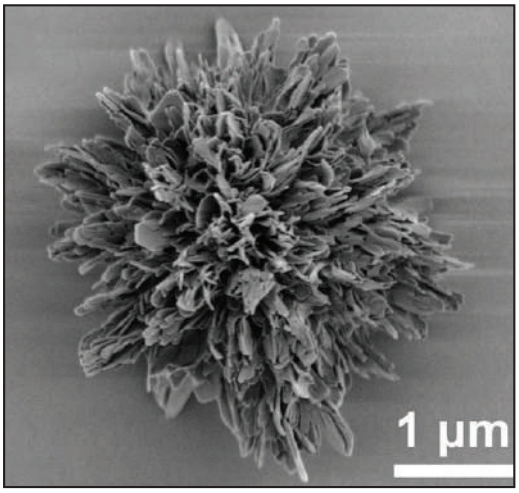
No processo de construção, as fitas torcidas seguiram um caminho único e não aleatório de agregação, levando a micropartículas com forma, quiralidade e tamanho bem definidos, com características semelhantes aos tais "espinhos". "Ou seja, nas etapas iniciais, nós fomos capazes de codificar uma informação quiral, e esta informação teve impacto ao longo de todo o processo de construção", explica o pesquisador da UFSCar.

Os resultados da pesquisa têm uma primeira importância básica que é contribuírem para a compreensão de como a complexidade emergiu no processo de evolução da vida na Terra. No entanto, o conhecimento produzido também deve ter relevância crescente no desenvolvimento de materiais funcionais com interações sob medida com sistemas biológicos.

"Se o alvo são estruturas complexas dentro de um ser ainda mais complexo, como o ser humano, então precisamos ser capazes de construir estruturas com complexidade comparável e cuja função possa ser ajustada para inativar um patógeno sem nos causar danos", registra Moura. Dentre as pesquisas já em andamento nesta direção, estão estudos relacionados à inativação de vírus e à ampliação da resposta imune de um organismo contra um vírus específico.

A pesquisa, no Brasil, foi realizada no âmbito do Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF), um Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Além de Moura, também participaram os brasileiros Kalil Bernardino, seu ex-aluno, hoje realizando estágio de pós-doutorado no Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP); Weverson R. Gomes, Asdrubal Lozada-Blanco e Felippe M. Colombari, doutores pelo Programa de Pós-Graduação em Química (PPGQ) da UFSCar, hoje realizando estágios de pós-doutorado na própria UFSCar - os dois primeiros - e no Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM); e Sérgio Ricardo Muniz, docente do Instituto de Física de São Carlos da USP e pesquisador do Centro de Pesquisas de Ótica e Fotônica (Cepof), também um Cepid da Fapesp. O financiamento no País teve recursos também do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



DIVULGAÇÃO

Imagem de microscopia eletrônica da partícula sintetizada pelos pesquisadores

O artigo intitulado "Emergence of Complexity in Hierarchically Organized Chiral Particles" está disponível no site da Science (via https://bit.ly/39VoyCc).

Invista em você e em sua carreira,

acesse nosso site e conheça os novos treinamentos online que o IBEF-Rio oferece.

Associados e funcionários de empresas associadas possuem 50% e 25% de desconto, respectivamente.

AGENDA.IBEFRIO.ORG.BR

IBEF
Rio de Janeiro

Oito medidas para minimizar o impacto econômico do coronavírus na sua empresa

*Ângelo Ambrizzi**

Buscando minimizar o impacto econômico (Covid-19) nas empresas e, consequentemente, a manutenção de empregos, o Governo Federal vem anunciando uma série de medidas tributárias e econômicas que podem ser essenciais neste momento.

De modo geral, todas elas visam aliviar o peso dos tributos para o empresariado, que pode utilizar esse dinheiro no pagamento de salários e na própria sobrevivência do negócio. Elenquei oito medidas importantes que podem ser úteis na tomada de decisões estratégias para a sua empresa.

#1. Fundo de garantia – O recolhimento do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) foi suspenso nos meses de março, abril e maio. Esta medida pode ser adotada por todas as empresas, independentemente do seu número de empregados, regime de tributação, adesão prévia e ramo de atividade econômica. As competências poderão ser parceladas em até seis vezes a partir de julho. Note que a empresa não está isenta do recolhimento, mas ter dinheiro em caixa pode ajudá-la a se manter.

#2. Suspensão de protestos – Em São Paulo, foram suspensos os protestos de dívidas tributárias, como IPVA e ICMS, por 90 dias. A ideia é que as empresas realoquem o valor que seria gasto com os impostos para cobrir outras despesas essenciais.

#3. Prorrogação das Certidões Negativas de Débitos – A Receita Federal e a Procuradoria Geral da Fazenda prorrogaram por 90 dias a validade das Certidões Negativas de Débitos (CND) e Créditos Positiva com Efeito de Negativa (CPEN), que indicam que as empresas têm pagamentos de tributos pendentes com a União.

#4. Suspensão de atos processuais e procedimentos administrativos – A medida tomada pela Receita Federal suspende a exclusão de contribuinte de parcelamento por inadimplência de parcelas, como também a emissão eletrônica automática de aviso de cobrança e intimação para pagamento de tributos, entre outros atos.

#5. Desoneração do IPI e do Imposto de Importação para alguns produtos – Produtos que serão utilizados no combate ao Covid-19, como máscaras, álcool em gel, desinfetantes e vestuário e acessórios de proteção, tiveram a alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados reduzida a zero até setembro deste ano. Esta é uma forma de garantir a manutenção desses materiais no mercado e combater a propagação do vírus. O imposto sobre importação para alguns produtos médicos e hospitalares também foi zerado até 30 de setembro.

#6. Simples Nacional: Prorrogação de prazos – Empresas que faturam até R$ 4,8 milhões ao ano podem ser optantes do Simples Nacional. Elas representam cerca de metade dos empreendimentos brasileiros. Para elas, foram prorrogados os prazos tanto para pagamento, quanto para o cumprimento das declarações acessórias nos meses de

"É preciso agir, buscar informações precisas e rápidas para a tomada de decisões assertivas e estratégicas. Já há condições jurídicas e financeiras para dar esse primeiro passo."

março, abril e maio por 90 dias. Importante destacar que a prorrogação do prazo abrange apenas os Tributos Federais, sendo devidos os tributos Estaduais e Municipais, exceto em locais em que foram editadas legislações específicas desobrigando o pagamento destes.

#7. Diferimento do pagamento das contribuições PIS, Cofins e Previdenciária parte patronal– Semelhante à proposta de suspensão do recolhimento do FGTS, essa medida permite que as empresas paguem as contribuições PIS, Cofins e previdenciária parte patronal referentes aos meses de abril e maio apenas em agosto e outubro.

#8. Nova linha de empréstimos – Talvez essa seja uma das medidas mais positivas para o empresário. Uma linha de crédito emergencial para empresas que faturam entre R$300.000,00 (trezentos mil reais) a R$10.000.000,00 (dez milhões de reais) vai ajudá-las a pagar o salário dos funcionários pelo período de dois meses. Com uma taxa de juros abaixo do mercado, de 3,75% ao ano, carência de seis meses e possibilidade de parcelamento da dívida em até 36 vezes, a previsão é que mais de 1,4 milhão de empresas sejam beneficiadas.

Deve-se reconhecer os esforços do governo brasileiro para ajudar as empresas neste momento. Porém, um ponto importante a se destacar é que além de buscar aderir a esses planos, o empresariado deve se resguardar juridicamente. Para os próximos meses, é possível que ocorra um aumento de demandas trabalhistas, de fornecedores e consumidores que, de alguma forma, se sentiram prejudicados.

Portanto, a recomendação agora é manter a comunicação com funcionários, clientes e fornecedores, sendo claro e transparente sobre as possibilidades de atrasos e descumprimento de contratos. Outro fator relevante é documentar todas as tomadas de decisões estratégicas, seja por e-mail, por meio de ata de reunião, planilhas. A finalidade da empresa ter registrados os fundamentos das decisões tomadas é comprovar a boa-fé nas relações estabelecidas.

Neste momento é importante buscar o diálogo e tentar soluções eficazes fora do judiciário, seja utilizando de profissionais especializados ou até mesmo de mediação e arbitragem, quando possível.

O momento não se mostra fácil e pede do empresário soluções rápidas e assertivas. Sensibilizados com o momento e cumprindo com nossa função social, nós do escritório Marcos Martins Advogados criamos o Comitê de Gestão de auxílio à Crise que tem por objetivo dar suporte técnico e orientativo para as empresas, auxiliando na tomada de decisões estratégicas, sem qualquer cobrança de honorários. A demanda tem sido alta e as respostas positivas. A maior parte das dúvidas que são postas no comitê são relacionadas a diversas áreas sendo: a) área tributária cujos temas mais recorrentes são: diferimento de pagamento, benefícios fiscais, parcelamentos e CND; b) na área trabalhista e previdenciária somos demandados por: regras para home office e férias; c) contratual: revisão dos contratos e implicações em caso de descontinuidade contratual; além de questão envolvendo a área financeira, como gestão de caixa. A partir das informações que a empresa apresenta, compartilhamos possíveis soluções e realizamos simulações de quais os impactos de caixa elas podem ter dependendo do cenário, do mais otimista ao mais pessimista.

A melhor orientação é que o empresário não pode ficar inerte. É preciso agir, buscar informações precisas e rápidas para a tomada de decisões assertivas e estratégicas. Já há condições jurídicas e financeiras para dar esse primeiro passo. São as decisões tomadas hoje que terão impacto no curto, médio e longo prazo. O desafio é grande, mas acreditamos que com o planejamento e execução de ações estruturadas será possível enfrentar os desafios propostos pelo impacto do coronavírus nos negócios.

** Advogado especialista em Direito Tributário e líder da área tributária do Marcos Martins Advogados.*

AGU garante no Supremo R$ 743 milhões para a indústria cinematográfica brasileira

A Advocacia-Geral da União (AGU) conseguiu restabelecer no Supremo Tribunal Federal (STF) o pagamento, pelas empresas de telefonia, de R$ 743 milhões em contribuição destinada ao financiamento da produção cinematográfica do país.

O presidente do STF, ministro Dias Toffoli, acolheu pedido da Agência Nacional do Cinema (Ancine), representada pela AGU, e suspendeu decisão do Tribunal Regional Federal da 1° Região (TRF1) que havia suspendido a cobrança dos valores.

A Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional (Condecine) relativa a 2019 deveria ter sido paga até 31 de março deste ano. Mas o recolhimento foi suspendo no dia do vencimento por decisão do TRF1, atendendo a pedido do Sindicato Nacional das Empresas de Telefonia e de Serviço Móvel Celular e Pessoal (Sinditelebrasil).

As empresas alegam não ter condições de arcar com o pagamento da contribuição em virtude de dificuldades financeiras que estariam enfrentando por causa da pandemia da Covid-19.

No entanto, o ministro Dias Toffoli reconheceu, conforme havia sido apontado pela AGU, que a decisão do TRF1 afrontava determinação anterior do então presidente do STF, ministro Ricardo Lewandowski, que já havia suspendeu em 2016 decisão da Justiça Federal que desobrigava o pagamento da Condecine pelas empresas.

“Ainda que se possa argumentar que há fatos supervenientes a justificar a prolação dessa decisão, não se pode ignorar a realidade de que ela afronta de forma cabal o comando exarado pelo STF nos autos da (Suspensão de Segurança) SS nº 5116”, ressaltou o ministro em trecho da decisão.

O Procurador Federal Antônio Armando Freitas Gonçalves, do Subnúcleo de Atuação Prioritária do Departamento de Contencioso da Procuradoria-Geral Federal (PGF), destaca a importância da decisão para a concretização das políticas públicas da Ancine. “Esses recursos são fundamentais para a execução dos programas e projetos elaborados pela agência, que atendem a milhares de produtores e colaboradores do segmento de audiovisual. A decisão beneficia os trabalhadores e as empresas que atuam no setor de audiovisual”, assinala.

Ref.: Reclamação nº 39923 – STF.

Concessionária de ferrovia inicia pagamento de R$1,2 bilhão aos cofres públicos

A empresa Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), responsável pela exploração dos serviços de transporte ferroviário de carga na Malha Centro-Oeste, iniciou o pagamento das parcelas do acordo celebrado com a Advocacia-Geral da União (AGU) e o Ministério Público Federal (MPF) para devolução de mais de R$ 1,2 bilhão aos cofres públicos.

No acordo, celebrado em novembro de 2019, a empresa assumiu o compromisso de arcar com os prejuízos causados durante o período da concessão do serviço. A conciliação prevê que o ressarcimento ao erário seja feito em 60 parcelas mensais de valores que variam de R$ 10 milhões a R$ 26 milhões, sendo que as três primeiras parcelas já foram quitadas.

Os recursos serão direcionados pela União para estudos, obras, recuperação, desenvolvimento ou implantação de infraestrutura do setor ferroviário, além de auxiliar no fomento ao atendimento mais econômico da demanda de transporte de cargas e pessoas.

A resolução consensual do conflito pôs fim à discussão judicial iniciada em 2004, quando o MPF moveu a primeira ação na Justiça para apurar a responsabilidade pelas deficiências na prestação do serviço público de transporte ferroviário de carga e de passageiros e a degradação da malha ferroviária, já que durante a execução dos contratos a FCA não cumpriu com diversas obrigações. Em 2016, outra ação civil pública foi movida pelo MPF para responsabilizar a FCA pelos prejuízos causados em razão da não realização de diversas obras localizadas em estados como Minas Gerais, Bahia e São Paulo.

Ao longo do processo, a União, o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) e a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) comprovaram que foram lesados com os danos causados pela concessionária. Diversos órgãos da AGU estiveram envolvidos nas negociações, entre eles Procuradoria-Geral da União, Procuradoria-Geral Federal, Consultoria Jurídica do Ministério da Infraestrutura, Procuradoria da União em Minas Gerais e Procuradoria Federal de Minas Gerais.

Expediente

O Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças - IBEF Rio de Janeiro criado em 19 de maio de 1971, na cidade de sua sede nacional, o Rio de Janeiro, é uma entidade sem fins lucrativos considerada de utilidade pública nas esferas de governo federal, estadual e municipal, apartidária e que reúne os principais executivos e empresários do país.

Avenida Rio Branco, 156/4º andar Ala C - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP:20040-003
Tel: (21) 2217-5555/5566 / ibefrio@ibefrio.org.br
Institucional: ibefrio.org.br / Programação: agenda.ibefrio.org.br / Locação de Ambientes: loc.ibefrio.org.br

BIÊNIO 2019/2021 - IBEF RIO DE JANEIRO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente - *Ricardo Emmanuel Vieira Coelho*

Vice-presidente - *José Domingos Vargas*

Membros - *Gustavo Carvalho Pierotti, Jorge Saul Doctorovich, Manuel Fernandes Rodrigues de Sousa, Márcio João de Andrade Fortes, Mônica Oliveira Costa Pinto Bendia, Sérgio Burrowes Raposo e Thomas Klien*

DIRETORIA VOGAL

Consultar em: *www.ibefrio.org.br/secoes/page/64/Diretoria-Vogal*

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente - *Gustavo Damázio de Noronha*

1º Vice-presidente - *Sergio Burrowes Raposo*

Vice-presidentes - *Fernando Potsch de Carvalho e Silva, Mônica Oliveira Costa Pinto Bendia e Patricio Marques Roche*

Secretário Geral - Marcos Chouin Varejão

CONSELHO FISCAL

Presidente - *Claudio Roberto Contador*

Membros - *Luiz Affonso Neiva Romano e Paulo Sérgio Costa Lima Marques*

Suplentes - *Gustavo Tavares da Cunha Mello, João Carlos Reichmann Mader e Roberto Bar*

Revista IBEF

Conselho Editorial
Eduardo Facó Lemgruber, Eduardo Lucano, Henrique Luz, José Gandelman, Márcio Fortes, Marcos Chouin Varejão, Mario Lopes, Nilton Molina, Roberto Lima Netto, Sidney Rezende e Valmar Paes.

Editor Responsável
Eduardo Cantidiano

Jornalista
Vilma Goulart (MTB 18585)

Distribuição
Simone Lira

Programação Visual
Red Design Comunicação

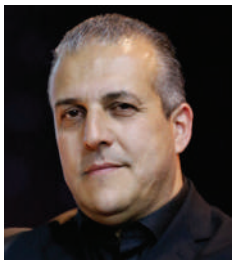
Fotos
Banco de imagens Red Design, Unsplash, Pixabay, Pexels e Burst

Publicidade e Marketing
EC - Editora e Comunicação
Eduardo Cantidiano
e.cantidiano@openlink.com.br
(21) 99619-0771

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução de artigos publicados na Revista IBEF, desde que citada a fonte.
O IBEF não se responsabiliza por opiniões emitidas em artigos assinados.

Gestão de riscos em tempos de crise

*Marcos Assi**



Muito interessante falarmos de riscos e gestão de crises somente após uma crise não é verdade? Tendo em vista que quando tocamos em assuntos relacionados à prevenção de riscos, muitos zombam da gente. E mesmo com todas as previsões, será que alguém havia previsto algo deste tamanho? Acredito que não! No entanto, em meu livro Gestão de Compliance e seus desafios, publicado em 2013, já tínhamos apontado para isso, e por esse motivo, resolvi reproduzir alguns trechos.

A gestão de crises deve ser vista como uma sequela do planejamento de contingência, ao invés de um substituto dele. Embora a gestão de crises não substitua o planejamento ou outra forma de gerência de risco, existem situações, tais como: eventos de perda de grande criticidade que são completamente imprevisíveis e incontroláveis ou muito improváveis, ou ainda, quando os custos de prognósticos, planejamento, redução ou prevenção são altos demais, em que ela é inteiramente apropriada, acredito que é o caso da COVID-19.

A gestão de crises envolve o reconhecimento de que está acontecendo uma crise, que é necessário encontrar uma solução para ela e que se pode aprender com ela e tirar proveito da situação. Usualmente, a reação imediata a uma crise financeira é a negação, seguida de pânico. Neste caso, uma declaração formal para toda empresa de que se está enfrentando uma crise grave é necessário para focar a atenção e outros recursos para conseguir resolvê-la.

Mas quando a crise é uma catástrofe, desastre, greve, incêndio, explosão ou algum dano de grandes proporções? Neste caso, a gestão de crise só funciona se possuímos um bom plano de contingência. Mas no caso da pandemia, será que temos como prever algo desta magnitude? Creio que os efeitos ainda estão por vir.

Alguém deve estar se perguntando o que gestão de crises tem a ver com gestão de compliance? Tudo e mais um pouco, pois, se os profissionais de compliance têm como função assessorar a Diretoria Executiva da organização, neste caso, quem poderá ser cobrado? Por isso, os profissionais de compliance devem acompanhar de perto a gestão dos negócios para que a empresa esteja em conformidade com os riscos avaliados, mas por maior que seja este acompanhamento, muita gente focada somente em anticorrupção e lavagem de dinheiro, vai lamentar a falta de conhecimento em gestão de riscos e gestão dos negócios.

Diante disso, apresentaremos alguns pontos importantes de planos de contingência e recuperação. Vale ressaltar que são apenas algumas sugestões, pois, para que sejam bem-sucedidos e demonstre sua verdadeira funcionalidade, os testes necessitam ser efetivos, e não testes de "faz de conta", com o intuito de "fantasiar" a efetividade dos planos para ação. Portanto, os planos de contingência devem ser levados a sério.

Os planos de contingência devem ser avaliados segundo três critérios, sendo:

- o primeiro a confiabilidade, já que o grau de proteção proporcionado do plano deve levar em conta grandes eventos inesperados, que venham afetar o processo dos negócios;
- o segundo ponto para garantir a qualidade do plano é a disponibilidade, afinal é necessário avaliar o tempo necessário para retornar ao funcionamento normal da empresa; e
- o último critério é a sustentabilidade, o custo e a adaptabilidade do plano a mudanças nos recursos e processos.

Buscar uma análise completa do processo pelos envolvidos, identificando riscos potenciais e avaliando as medidas de controle e mitigação, é importante para a criação do plano de contingência já que, geralmente, buscamos a implementação de controles que nem sempre funcionam. Desse modo, quando identificamos os riscos, existe a possibilidade de redução ou eliminação de controles caros e ineficazes, criando soluções alternativas e minimizando a exposição a eles. Isso facilita a definição e o acompanhamento de ações para eficiência dos controles.

Métodos de identificação de riscos proporcionam a avaliação de padrões dos controles já existentes e o auxílio na disseminação da cultura de riscos na organização, facilitando a obtenção de entendimento e linguagem comuns sobre riscos. Estabelecer canais adequados de reporte e monitoramento de ações de melhoria sobre a exposição aos riscos e a promoção de responsabilidades dentro da organização são essenciais para o gerenciamento de riscos e controles.

Nossa recomendação é que neste momento, caso não tenha um plano de contingência e tão pouco de continuidade, a sua gestão de crise seja feita por meio de um comitê de gestão de crises com diretores e gestores, para que a decisão seja colegiada e amparada por modelos de negócios que sejam aplicáveis e de fácil solução, uma boa comunicação a todos os colaboradores e as partes interessadas, pois, além do financeiro, devemos pensar nas pessoas e em todos que fazem parte do ciclo de vida de sua organização, seja rápido, seja coerente e busque fazer aquilo que você tem condições de implementar e garantir. Esta é a hora da realidade superar o sonho, onde a estratégia deve ser realizada pelo operacional. O ótimo é inimigo do bom!

**CCO, CRISC, professor e consultor da MASSI Consultoria e Treinamento – Embaixador pela Divina Câmara Parisiense de Artes e Cultura 2018 e Prêmio Alta Gestão 2017, Comendador Acadêmico pela Câmara Brasileira de Cultura, professor de MBA na FECAP, IBMEC, Centro Paula Souza, UNIMAR, FADISMA, SUSTENTARE, entre outras, autor dos livros "Controles Internos e Cultura Organizacional", "Gestão de Riscos com Controles Internos", "Gestão de Compliance e seus desafios" e "Governança, riscos e compliance" pela Saint Paul Editora e "Compliance como implementar" pela Trevisan Editora.*

Tucunaré, espécie da nossa Bacia Amazônica, é exuberante, guerreiro e sustentável.

FAÇA SUA ESCOLHA.

Presente em 500 escritórios em 80 países.

29 anos

Lopes, Machado
Auditors, Tax, Consultants & Business Advisers

Independent Member of
BKR
International

55 21 2156-5800

SEDE: Rio de Janeiro - RJ | São Paulo - SP | Recife - PE | Belo Horizonte - MG

novosnegocios@bkr-lopesmachado.com.br | www.lopesmachado.com

AFRICA

É hora de ficar em casa. Todo mundo tem uma agência do Itaú no bolso.

De transações a consultas. De pagamentos a crédito.
O Itaú tem tudo no app pra você não sair de casa.

Baixe os apps do Itaú no seu celular:

App Itaú
App Itaú Personnalité
App Itaucard
App Itaú Empresas
App Rede

Fotografe o QR Code e saiba mais.

Itaú